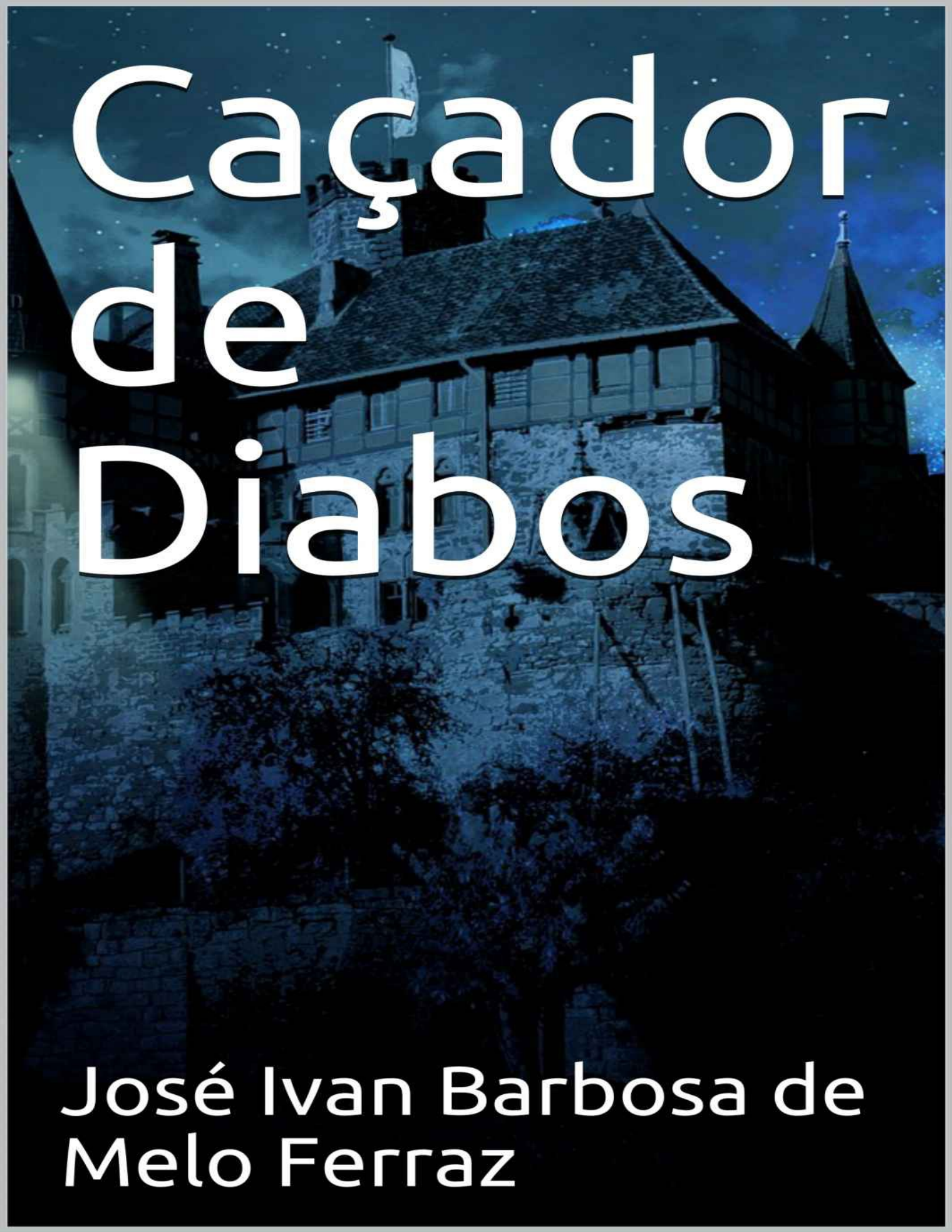


The background of the cover is a dark, atmospheric illustration of a castle or fortress at night. The sky is a deep blue with numerous white stars. The castle features stone walls, a large central tower with a flag, and a smaller spire on the right. The overall mood is mysterious and gothic.

Caçador de Diabos

José Ivan Barbosa de
Melo Ferraz



PERIGOSAS

Caçador de Diabos

VANRAZ

PERIGOSAS

PERIGOSAS

Vanraz

Caçador de Diabos

PERIGOSAS

1ª edição

Copyright© 2018, by José Ivan Barbosa de Melo Ferraz

vanrazferraz@gmail.com

978-85-918622-2-1

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(s) Autor(es),
Proprietário(s) do(s) Direito Autoral.

Vanraz é formado em matemática, pós-graduado em direito público, técnico
judiciário, artista plástico, compositor e romancista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vanraz

Caçador de Diabos / Vanraz.

Recife: Vanraz, 2018.

106 p. Ebook.

ISBN: **978-85-918622-2-1**

1. Contadores de histórias 2. Contos 3. Ficção I. Título.
12-11703 CDD-869.9803

Índices para catálogo sistemático:

1. Contadores de histórias: ficção:
Literatura brasileira 869.9803

Ama a natureza e o teu semelhante como a ti mesmo e acima das tuas vaidades. Desvenda a verdade através da ciência e ela te libertará da ignorância.
(Vanraz)

Capítulo I – Um Estranho Jeito de Amar

Sinout de Sinet, apesar de ter pouco mais de trinta anos, já contava com pelo menos vinte de trabalhos na lavoura plantando milho, feijão e mandioca. Essa tarefa era realizada perto do Vilarejo dos Prazeres da Santa Virgem, zona rural da cidade de Arcoverde^[1], a porta para o Sertão, mais conhecida como portal para o inferno. A referência ao inferno se dá devido às altas temperaturas do Sertão pernambucano, as quais poderiam facilmente fritar ovos no asfalto, em pleno meio dia, sem a necessidade de se acender fogo algum.

Preciso dizer algo que já virou senso comum entre aqueles que visitaram o Sertão de Pernambuco: se o diabo viesse passar férias na Terra, a próxima cidade grande, após Arcoverde, seria a sede de sua pousada de verão onde ele certamente iria se sentir em casa e de lá comandar seu reinado de pecados. Digo isso porque o próprio Sinout sempre dizia que seu trabalho era realizado entre o céu e a casa do capeta, pois ora ele se sufocava com o bafo quente dos ventos que vinham do Sertão da Serra Talhada, ora se beneficiava com os aromas, as fragrâncias^[2] e o frescor das brisas que, sopradas do atlântico, varriam a Zona da Mata pernambucana em direção ao Interior onde ele vivia.

Certa vez disseram a Sinout que quando faltava lenha nas caldeiras que alimentavam o fogo do inferno, para dormir em paz, longe do frio, o diabo pernoitava em Serra Talhada com toda sua comitiva de diabinhos. Para não sentir falta do mau cheiro que o enxofre exalava na sua suíte infernal, mas que em suas narinas de bode era como se cheirasse flores do campo, instalava-se perto da estação de tratamento de esgoto da cidade. Essa história foi contada a Sinout, quando criança, e repetida por ele na sua adolescência e na vida adulta.

Há cinco anos uma seca terrível castigava a região do Agreste pernambucano, onde Sinout vivia, calcinando tudo a sua frente, tirando o colorido das coisas sem vida, tirando a vida da parca vegetação, dos poucos animais silvestres e, como um grande dragão sedento, secando rios e riachos. “*Se continuar assim*”, dizia Sinout, *essa secura vai chegar ao mar e comprovar as profecias dos povos antigos que diziam que o mar vai virar*

sertão, assim como o sertão um dia viveu debaixo do mar”.

Como bom agrestino, devoto das Almas Vaqueiras^[3], esperançoso e crente nas coisas da divina providência, temente ao cabo de vassoura da sua avó, a bote de cascavel, à picada de mangangá, à pisada em unha encravada, a coice de jumenta nos testículos, à buchada azeda, diarreia em pleno meio dia na Avenida Dantas Barreto^[4], a deus e ao diabo, necessariamente nesta ordem, não desistia de viver naquele lugar e esperava calmamente pelo inverno de farturas que tardava a chegar. E foi vagando nas frases jogadas ao vento, tais como: *“minhas santas Almas Vaqueiras”* para lá, *“minhas alminhas benditas”* para cá, *“me ajude nessa empreitada e não me deixem vacilar, me digam o que é que eu faço para essa seca acabar e, de quebra, onde encontro uma jumentinha para amansar”*, que os anos foram-se passando e rachando a pele de um rosto ósseo jovem e prematuramente castigado pelo sol e pelo tempo.

Seus olhos melancólicos, sua timidez constante e a severa educação católica recebida da sua avó desde criança, com direito a surra de corda e cabo de vassoura quebrando em suas costas, reprimiam um grito de indignação que saía do intestino, subia até o estômago, inflava-o, revirava-o muitas vezes sem nada encontrar, passava pelo esôfago e, aumentando de intensidade, tornava-se um nó de garganta entalado e louco para sair com um resto de saliva e arrebentar os tímpanos do mundo: *“Putá que pariu, por quê”? Por que tanta seca! Por que tanta miséria!*

Diametralmente oposta era Zezinha, mulher dele e de Nica Calungu, amante do pastor *“Semente de Deus”* e, segundo a avó de Sinout, rapariga de muitos outros machos da cidade. Ela não tinha nada a reclamar nem da vida nem dos seus amantes e muito menos dos seus dois maridos. Aos vinte e dois anos ela era dessas mulheres que os estilistas diriam que se tratava de uma gorda, mas que a rapaziada do vilarejo via de outra forma: uma gostosa tamanho “GG” ou *“plus size”*. Se aceitarmos a tese de que era gorda, então que fiquem aqui bem claras suas medidas: ela era alta, com quase um metro e oitenta centímetros de uma gordura bem socada, sem celulites nem estrias, sem manchas nem espinhas. Tinha a cintura fina, peitos duros, dando a impressão de que eram siliconados; bunda grande, coxas grossas e umas dobrinhas sensuais de barriga. Era morena, protestante de cabelos negros, lisos por força de uma chapinha, compridos, mas sem aquela cara de Mona Lisa de velório. Tinha um rosto angelical e olhos verdes agateados. O único defeito que a menina tinha era o de ser

louca por... Não sei como dizer isso sem causar maiores constrangimentos, afinal, trata-se da intimidade de uma dama. Deixemos isso um pouco de lado. Não vou repetir aqui o que as mulheres invejosas andaram dizendo da moça. Ela era bela. Isso basta. Tão bela, cobiçada e “*falada*”^[5] que nenhum macho, exceto Nica Calungu e Sinout, tinha coragem de tê-la como esposa por medo de virar corno. “*Até que ponto chega o machismo! Ô bando de macho frouxo*”! – Dizia Sinout.

Era ciumenta e defendia seus machos com unhas, dentes, dedo no olho, tapa na cara, puxamento de cabelos, joelhada, voadora nos peitos, intrigas, maldições e fofocas. Quem sentiu a fúria de Zezinha e pode testemunhar o que eu estou dizendo foi “Isaurinha Bunda de Anjo”. Essa menina só vivia roçando os peitos na cara de Sinout. Ele fingia não ver, por medo de Zezinha, mas não perdia nunca a oportunidade de examinar os peitos e a bunda da menina. Isaurinha também inventou de querer “coisar” com Nica Calungu e tomou uma surra com bunda, anjo e tudo. Para dizer a verdade, Isaurinha não tinha bunda. Peito, todo mundo sabia que ela tinha. E eram enormes. Mas, no tocante a glúteos, ela era desprovida. O apelido “Bunda de Anjo” se deu exatamente porque no Vilarejo dos Prazeres da Santa Virgem diziam que se anjo tivesse bunda, a parte do céu reservada aos brasileiros viraria um inferno. A conclusão lógica disso é que, assim como Isaurinha, anjo não tem bunda. Talvez essa lógica não tenha validade no inferno, afinal, lá é o inferno.

Zezinha era casada, de papel de igreja passado, com Sinout cuja relação matrimonial era abençoada pelo deus católico. A moça também recebeu as bênçãos nupciais da natureza e teve seu corpo consumido por Nica Calungu entre os galhos dos matos, nas cocheiras dos cavalos, nos chiqueiros dos porcos, entre as plantações de milho e feijão e em quaisquer lugares ocultos em que coubessem dois corpos em movimento. A pedido de Sinout, que há muito desconfiava da relação do amigo Nica Calungu com sua amada, dirigiram-se os três a um cartório de Arcoverde e deram por encerrada a suspeita de traição dos dois: casaram-se. Sinout figurou como testemunha da união matrimonial civil, que desse dia em diante seria poligâmica. Era um cruzamento de união religiosa com união civil. Por conta disto, Sinout levou cinco pontos em um ferimento na cabeça causado por um golpe de cabo de vassoura desferido por Das Dores, sua avó. Quando a velha soube que seu neto dividia a esposa com o amigo foi até a casa dele e disse:

– *“Sinout, corno safado! Quem já viu um homem de vergonha dividir a mulher? Venha cá, pecador imundo! Filhote de Caim desgraçado!”*.

Das Dores chegou dizendo essas palavras ao mesmo tempo em que ergueu a vassoura. O neto não teve tempo de correr e levou a pior.

Os amantes viviam um amor, ora abençoado por deus, ora ratificado pelos homens, dependendo da cama em que Zezinha se encontrava. Uma terceira relação, amaldiçoada por deus e adorada pelo diabo, surgiu atrás do altar de uma igreja protestante com um pastor que dizia trazer a semente a ser plantada no colo uterino de uma filha de deus para que se pudesse garantir a volta do salvador. Estéril, esse pastor passou um bom tempo de sua vida plantando sem nunca ter tido sucesso, mas pedindo as suas escolhidas que não desanimassem, pois ele jamais pararia de procurar aquela que seria a grande merecedora de carregar o fruto sagrado. Essa relação extraconjugal da moça e outras tantas com os moços do Vilarejo dos Prazeres da Santa Virgem nunca foram contabilizadas pelos dois maridos uma vez que, caso fossem comprovadas, seria o fim dos dois casamentos, embora houvesse quem afirmasse que uma descoberta como essa só aumentaria o número de camas da residência dos três.

Os dois maridos eram agricultores vizinhos que decidiram, após os casamentos, derrubar as cercas que separavam as duas propriedades e unir forças cultivando uma terra cada vez mais estéril. Caídas as cercas, caíram-se as paredes dos quartos, uniram-se as camas e os guarda-roupas, misturaram-se as gavetas das cuecas e, segundo as más línguas do Vilarejo dos Prazeres da Santa Virgem, nessa confusão toda, perderam mais do que a vergonha na cara. Os homens perderam... Perderam... Esse assunto é complicado para ser escrito aqui, afinal, eram só boatos. Mas quer saber, deixarei o complemento da frase por conta da imaginação de vocês, adoráveis leitores. No entanto, não posso deixar de defender a masculinidade dos dois, pois essas histórias nunca foram comprovadas.

Quando soube dessa união, Maria das Dores, avó de Sinout, disse:

– *Qualquer dia desse ela leva um jumento para a cama deles! Perderam a vergonha, todos já sabem disso! Perderam a fé em deus, tornaram-se imorais e despedaçaram o restinho de honra da família! Bando de cachorros! O que mais falta Sinout perder entre os lençóis podres daquela casa de tolerâncias? Mas isso não vai ficar assim, não! Sinout*

ainda me paga essa raiva!

Capítulo II – Procurando Demônio

Certo dia, Sinout de Sinet ao pegar a enxada e lançá-la contra a terra trincou os dentes e sentiu arrepiar os pelos do corpo com o barulho que ela fez ao se chocar contra uma pedra. Aquilo fez seu cérebro vibrar em agonia. Daí por diante, ele começou a questionar as coisas deste mundo, do outro mundo e até mesmo a se referir à dualidade, bem *versus* mal, como “*futricas sobrenaturais*”. Sinout dizia que isso se tratava de uma contenda entre duas divindades, deus e o diabo, que ninguém sabia na verdade porque havia começado nem quando ia terminar, mas que a certeza mais concreta de todas as certezas é que só havia uma versão dos fatos e esta era contada justamente pelos representantes de uma das partes: os representantes de deus. *Como isso é possível* – Pensava ele – *se até mesmo o mais bobo dos*

mortais, capacitado com o mínimo poder da dúvida que o cérebro pode lhe oferecer, sabe que toda história tem no mínimo duas versões? Se o outro lado existe, por que também não conta sua versão dos fatos?

– *Ave Maria!* – Disse Sinout naquela ocasião ao seu amigo, meeiro sexual e sócio agrícola, Nica Calungu. – *Não sei para que, no início dos tempos, o diabo foi se meter a querer ser deus! Ele já era, ainda que não tivesse bunda, o mais belo e poderoso anjo e se chamava, conforme dizia meu tio “Soizinha”, Luzbel: a bela luz divina. Com tudo isso, por que diabos ele foi querer desafiar o criador? Imagino que naquele tempo deve ter dado uma doideira em deus e ele enciumado criou o inferno e enfiou o diabo dentro! Depois disso, Adão, com aquela cara de lesado dele, inventou de “coisar^[6]” com Eva! Daí a pouco, Adão ficou se escondendo, feito quenga de prefeito, e tapando os colhões e a bunda murcha com uma folhinha. Deus, que não é besta nem nada, disse: “Já sei, Adão! Não preciso nem usar os meus superpoderes para descobrir a fuleragem^[7] de vocês. Sei perfeitamente o que vocês dois andaram aprontando! Eva lhe deu e você pimba, comeu, não foi seu sem-vergonha”?*

– *Ágape Celestial^[8]! Foi isso mesmo que aconteceu, Sinout?* – Perguntou Nica Calungu, seu inseparável amigo e sócio.

– *Foi desse jeito que estou contando, tim-tim por tim-tim. Por causa disso, deus expulsou aqueles dois fuleiros do paraíso e agora “tamo” tudo “fudido” com essa seca desgraçada!*

Perturbado em seus questionamentos, naquele momento Sinout duvidou sobre com quem estaria o comando de um mundo atormentado por tanto pecado, tanta miséria, tanta desolação, tantas guerras religiosas sem fim, tanta doença incurável, tanta doença erradicada que de repente reaparecia, tanta doença cuja cura já se tinham descoberto, mas que no ano seguinte voltava mais poderosa, tantos quebrantos, quizilas, maldições e inúmeros outros males que afetavam tudo quanto era vivente. Para se ter tanta desgraça rondando o mundo, dizia ele, “*só posso acreditar que foi o diabo quem ganhou a guerra santa e nem se preocupou em avisar a nós sobre sua vitória*”!

Sinout também reclamava que não se viam mais anjos trazendo notícias de lá de cima nem se viam mais aparições de virgens; os três segredos de Fátima já não eram mais segredos para ninguém e, de tão tolos, ninguém mais queria saber; o mar, em vez de se abrir como o Mar Vermelho se abriu um dia para salvar os judeus da fúria de um faraó, não

estava querendo se abrir para salvar pessoas atormentadas pelo “Estado Islâmico” na Síria. O que se vê hoje, ainda segundo Sinout, é o mar com suas manias tsunâmicas fazendo vítimas, em número cada vez maior, como nunca se tinham registrado antes na história da humanidade. Não apareciam mais um Sansão, um Davi, nem ninguém fazendo uma arca para encher de desgraças e levá-las daqui para as profundezas do inferno. Em vez de multiplicação de peixes, os falsos messias de hoje, trocadores de falsas curas pela entrega de dízimos e ofertas, estavam dividindo com os trouxas apenas as espinhas e as cabeças esqueléticas de peixes magros. Dessa divisão se obtinham um quociente cada vez maior de miséria e fome.

Sinout, de tanto pensar nesses assuntos, um dia se armou da cabeça aos pés com patuás que um amigo lhe trouxera da Bahia juntamente com dez fitinhas do Senhor do Bomfim, todas benzidas por Mãe Menininha do Gantois, dois cinturões de bala de prata com duas garruchas velhas, uma miniatura de Padre Cícero que obteve quando acompanhou sua avó materna, Maria das Dores, numa dessas intermináveis romarias à Juazeiro do Norte, e foi à luta contra as criaturas malfazejas da escuridão culpadas, segundo ele e os religiosos do mundo inteiro, pelas mazelas terrenas.

Sinout começou sua dura caminhada a partir do cemitério do vilarejo o qual, segundo a população local, era ponto de encontros noturnos de almas penadas, vampiros, lobisomens, bruxas, demônios e ainda era guardado pessoalmente por Cérbero^[9].

Diziam que Sinout obtinha essa coragem de enfrentar essas criaturas do inferno graças ao poder das orações de Maria das Dores, sua avó, cujo sonho de uma vida inteira foi ter um neto padre, já que seus cinco filhos se desembestaram no mundo, segundo ela, fazendo arruaças, roubando bancos, jumentos e cavalos, deflorando donzelas e servindo ao satanás. Assim, Das Dores criou seu neto praticamente debaixo de sua sagrada saia católica de onde ele só saía para comer ou rezar.

Foi assim, protegido por “Das Dores” de todos os pecados do mundo, inclusive das tentações das meninas de sua idade, das mais novas e das mais velhas, com medo que elas o desvirginassem, que Sinout adquiriu um “*corpo fechado*” a todo tipo de imoralidade ou maldade, não importando se vindas do natural ou do sobrenatural. Que fique claro: essa história de que Sinout tinha o corpo fechado só vale até o dia anterior ao dia em que ele conheceu o pecado da luxúria e a putaria do mundo, ou seja, Zezinha sua meia-esposa infiel.

Depois de crescido, após ter descoberto o prazer que os pecados poderiam ter-lhe proporcionado há mais tempo, Sinout odiou a educação e proteção recebidas desde a infância até a adolescência, praguejou contra todos os santos conhecidos e desconhecidos, abandonou as missas intermináveis do padre Santiago de La Piedad e nunca mais quis ouvir falar em sacerdócio. Uma coisa que ele não havia abandonado foi sua crença num deus que participava diariamente da vida de cada indivíduo, dando exatamente o que cada um fazia jus e tirando, ou deixando o diabo tirar, apenas aquilo que as pessoas não mereciam ter. Ele cria em um deus que quando estava feliz mandava chuva, tornava fértil o solo e quando se zangava permitia que o “Canhoto^[10]” segurasse as nuvens num deserto qualquer; um deus que podia arrumar marido bom ou marido ruim conforme a penitência e o merecimento das mocinhas; um deus que dava e tirava empregos das pessoas; que podia curar um mal-estar, provocado por um par de chifres, ou até mesmo evitar esse mal-estar incutindo na cabeça do corno que tudo se tratava apenas de uma pequena infidelidade, nada tão grave que não merecesse um perdão. Assim, Sinout também era devoto de um deus (muito conveniente) que premiava com boas notas escolares apenas aqueles alunos que acreditassem nesse deus, não importando se ricos ou pobres, desde que eles se esforçassem nos estudos, arrebitando seus olhos nas páginas dos livros, sob a luz de spots de bronze, em moradias luxuosas, ou candeeiros em casas de taipa; ele acreditava em um deus que podia estar em trilhões de lugares ao mesmo tempo, inclusive em bordéis, saunas gay, hotéis e motéis, banheiros públicos e privados e até mesmo observando, embaixo dos lençóis, o que os adolescentes faziam quando estavam sozinhos, durante a puberdade, atormentados por uma vasta produção de hormônios sexuais. Assim, segundo a crença do nosso amigo Sinout, um dia esse deus protegia e fazia o protegido alcançar graças; noutro dia, a depender de um cometimento de pecado, ele desprotegia e o desprotegido poderia cair em desgraça. Mas, quando o fiel se arrependia de todos os desvios as pazes eram seladas, através de penitência, e esse deus voltava a proteger, mas sem a garantia de que nunca mais voltaria a desproteger, e assim sucessivamente, incansavelmente até o dia da morte do indivíduo.

Por fim, devo informar que Sinout passou a noite no cemitério e não foi recepcionado por Cérbero nem presenciou encontros de almas penadas; não viu vampiros, lobisomens nem bruxas. Não tendo visto

demônios transitando no local, ele resolveu invocá-los. Pegou um livro de São Cipriano e leu de cabo a rabo. Para sua decepção, nem mesmo assim apareceu “viva alma” ou “morta alma”. Tendo perdido seu tempo e a pouca paciência que lhe restava, baixou o nível das orações e terminou mandando tomar no cu São Cipriano, os demônios, as bruxas, as almas penadas, empenadas e desempenadas, os vampiros e todos os anjos imundos do inferno. No entanto, por um amor nunca antes registrado, e que segundo ele estava em seu DNA, o deus de Israel que ele tanto amou foi poupado de sua fúria. Mas ele prometeu (fazendo promessa do tipo “custe o que custar”) ir atrás dos vilões sobrenaturais da humanidade quem quer que sejam eles.

Alguns supostos culpados pelas mazelas terrenas Sinout tinha certeza de que havia encontrado, pelo menos em suas solitárias indagações. Mas, identificar esses possíveis causadores de todas as desgraças deste mundo de nada adiantaria se não fosse possível ficar frente a frente com eles. A solução encontrada por Sinout foi a de falar com o outro lado: deus, o lado bom da história, já que o mal parecia não querer dar sinal de existência. Assim, seguiu sua busca filosoficamente pelos caminhos tortuosos dos seus pensamentos.

Capítulo III – Hierarquia Celestial

Conhecedor de alguns segredos do paraíso, alguns mistérios da fé católica e de toda a linha de comando celestial, desde o anjo “esfria verruma”^[11], que acompanha a caminhada terrena dos humanos, até o anjo que abre o imenso portão dourado do céu; desde o faxineiro do trono do altíssimo até o topo da pirâmide onde se encontram os anjos conselheiros, Sinout dizia, com autoridade de profeta charlatão, que o segredo de tudo e de todos os segredos estava oculto na mais tênue, na mais insignificante voltagem da corrente elétrica produzida pelo ato de rezar. Não importava a insignificância material dessa luz. Ele acreditava que se os devotos, com as suas rezas, produzissem um fóton de luz, eles teriam em suas mãos o poder de fazer com que qualquer mensagem de uma oração, caminhando através dos anjos, chegassem até deus. A oração, segundo ele, tinha o elétrico poder de comunicação sem fio com o divino. Isso seria, no meu entendimento, a realização do sonho de Nikola Tesla^[12].

Mas, segundo Sinout, a reza de apenas uma pessoa tinha pouco eco e quase não produzia energia. Prece para ser bem ouvida e sentida por deus tinha que ter dezenas, centenas ou talvez milhares de vozes fazendo coro em direção ao céu. Coro este que seria ouvido primeiro pelos *anjos*^[13] e, dependendo da intensidade, chegaria aos *arcanjos*^[14]. Seguindo a hierarquia podia chegar aos ouvidos dos *principados*^[15]. Aumentando um pouco o volume chegaria às *virtudes*^[16] e quem sabe, insistindo um pouco mais, as orações atingiriam os ouvidos das *potestades*^[17]. Num dia bom, de fácil disseminação de ondas “oracionais”, sem interferências universais, essas rezas poderiam facilmente passar pelas *dominações*^[18] e chegar até os *tronos*^[19]. Daí, apertando o gogó um pouco mais, os fiéis estariam a poucos passos dos *querubins*^[20]. Mas é só quando esses indivíduos dão o último gás, antes de as veias do pescoço estourarem, que se chegam aos *serafins*^[21]. Chegando aí, descansem um pouco, pois estes últimos levarão a mensagem a deus.

Certo dia, não acreditando nesse poder da reza, alguém questionou nosso amigo Sinout sobre as orações que pessoas do mundo inteiro pronunciaram com o intuito de que a Segunda Guerra Mundial acabasse. Ele apenas disse: “*Pelo que me consta, a guerra acabou. Ou não acabou?*”.

Bombardeado com perguntas difíceis, relacionadas com sua fé, Sinout sempre dava respostas simplórias. Questionado certa vez sobre o fato de a ciência comprovar que a Terra era redonda e que esta girava em torno do sol, que estaria parado em relação à Terra, ele respondeu que se ela fosse redonda a água do mar se derramaria no espaço. E se o sol estivesse parado ninguém precisava de relógio, pois só ia existir uma determinada hora se repetindo para sempre, ou seja, se o sol estivesse parado ao meio dia, sempre seria meio dia.

Suas respostas seguiam uma lógica tosca, mas tinham o poder de convencer os incultos e deixar dúvidas em algumas mentes pouco desenvolvidas.

Percebe-se claramente que as ideias científicas de Sinout contradiziam a própria ciência. Mas ele não se limitava a esse ramo do conhecimento humano, pois sempre teve respostas para tudo e, segundo ele, quem bebe do saber bíblico pode responder, sem pestanejar, sobre o passado, o presente e o futuro. O passado está em “gênesis”, o presente e o futuro estariam no “apocalipse”.

Mas, com o passar do tempo, acumulando conhecimentos grosseiros e contraditórios, Sinout foi enxergando um vazio tão abissal em suas respostas que ele próprio começou a se questionar. A primeira questão que ele buscou resposta sozinho foi sobre o fato de pessoas viverem neste mundo com muita fartura, entupindo-se de açúcares, gorduras e álcoois, enquanto outras sofriam por não terem nem o mínimo para sobreviver. *“De quem era a culpa por isso?”* – Pensava ele – *Se havia um mínimo de organização celestial, haveria uma espécie de ministério da alimentação. Se esse posto existia, então não seria difícil encontrar o culpado pelo desequilíbrio tão acentuado nas mesas de diferentes famílias.* O culpado por pelo menos essa mazela alimentar ele iria encontrar. *“Mas tudo tem seu tempo e há tempo para tudo”* – Sussurrava ele após suas infundáveis indagações.

Sua investigação sobre a fome no mundo e tantos outros percalços da vida começaria primeiro sobre si mesmo. Começou atribuindo sua má sorte ao fato de ter abandonado as rezas:

– *Uma “Ave Maria”, Nica! Umazinha, sequer, nunca mais rezei! É por isso que deus vira as costas para mim e o diabo ataca!* – Disse ele, achando o primeiro culpado: ele mesmo, evidentemente. E continuou: *“Filho de peixe, peixinho é. Assim, filho de quem dorme sem rezar, tal qual*

um jumento, só pode ser mais um, neste enorme mundo, amaldiçoado com a praga do herege ruminante. Maldita hora em que eu deixei de escutar minha avó e abandonei o caminho que me levaria ao altíssimo”!

– Mater, mater christ, Sinout! Também preciso mudar meus hábitos! Já rezei muitas “Ave Marias”, mas hoje quando eu vou dormir só lavo os pés. Isso certamente não serve para a gente se livrar da praga desse tal de herege ruminante, não é? – Perguntou Nica.

Mergulhado em pensamentos, Sinout nem ouviu a pergunta do sócio sexual.

– Isso não está certo! – Exclamou Sinout.

– Errare humanum est! Se não está certo, só pode estar errado.

– Disse Nica Calungu, encostado num tronco de Ipê desfolhado, fumando um cigarro de palha. E continuou: – Nesses meus quase trinta e tantos anos eu ainda não me deparei com o “certo”. Está tudo errado, Sinout!

– Está tudo errado, mesmo. Não se diz: quase trinta e tantos anos. Ou é “quase” ou é “tantos”.

– É que não sei nem quantos “quase” nem quantos “tantos” de anos eu tenho. O fato é que você entendeu o que eu quis dizer com os meus prolegômenos. Isso basta.

– Ora, quanta perda de tempo! Nica, não atrapalhe meus pensamentos com os seus... Com esses prolinôminos que você falou!

– Data vênia^[22], meu camarada! O que você está pensando?

– Estou pensando nos meus pecados, nesse azar, nessa desgraça, nesse castigo, nessa seca dos infernos! Você não pensa nisso, não?

– Eu penso em Isaura.

– Enquanto eu penso em coisa séria, você fica aí com suas tontices! Além disso, se Zezinha desconfiar que está sendo traída, arrancar seu saco.

– Você não falou em pecado, azar, desgraça, castigo e inferno? Pois, para mim, tudo isso se chama Isaurinha Bunda de Anjo! Aquilo é que é uma mulher de peito! Uma abundância de seios fartos que parecem uma arguição de inconstitucionalidade!

– O que você falou?

– Eu disse que Isaurinha tinha peitos grandes.

– Não! Você falou um diabo de palavra difícil! Foi um “num sei que” de constussonalidade!

– *É que eu achei isso tão bonito quando o doutor falou! Isso são verbos do Dr. Adeogado^[23] Veiga! Ele gostava de dizer essas palavras aos clientes dele e eu ficava escutando: “arguição de inconstitucionalidade”, “labor, rebus, serus”!*

– *Parece um padre falando latim. Isso serve para quê, mesmo?*

– *Sabe que eu não sei! Deve servir para falar bonito para enganar os juízes nos tribunais.*

Sinout respirou fundo e, demonstrando admiração e cansaço, falou:

– *Nessa hora, eu nem sei o que devo dizer a um indivíduo tonto feito você! Quer saber? Essas coisas cansam a cabeça da gente! Por hoje, vou encerrar meu trabalho. Aqui, nesta terra seca e dura, não tem nada para fazer. Vou para o culto orar!*

– *É o quê, homi^[24]?!*

– *Zezinha diz que encontra a felicidade e a solução para tudo no culto. Hoje eu vou à igreja orar com ela. Quem sabe eu encontro respostas para meus questionamentos.*

– *Vá, só! Eu não aguento esse cumê^[25], não! Da última vez que eu fui com Zezinha faltou um tantinho assim para eu ter tido um nó na tripa. Fiquei horas sentado e sem poder me aliviar. Quando senti o quinto delúrio^[26] na barriga, afrouxei o sinto e soltei a bomba. Nunca mais ela me chamou para ir ao culto.*

– *Você é podre!* – Disse Sinout se preparando para sair.

Chegando a casa ele vestiu um paletó surrado e foi à igreja onde sua esposa de vinte e dois aninhos frequentava, desde criança, com devoção e assiduidade. Ele foi sozinho porque ela gostava de chegar cedo e, por isso, saía quatro horas antes para arrumar a igreja com o representante da glória de deus na Terra, mais conhecido como *Pastor Semente de Deus* ou, quando a esposa dele não estava por perto, chamavam-no *Pastor Sêmen de Deus*, *Gala Santa* ou *Pastor da Gala Divina*.

Naquele dia, Sinout, ao passar na frente da casa de Maria das Dores, sua avó, certificou-se de que a mesma não se encontrava à porta, pois sendo católica ortodoxa ela podia até aceitar a safadeza matrimonial do neto, mas jamais permitiria que ele trocasse de religião.

Estando nosso amigo a uns vinte metros de distância da casa de “Das Dores”, sentiu uma tamancada na cabeça tão certa e dolorosa que quase o levou ao chão. O mundo inteiro ouviu seu grito:

– *Eita, porra! Ai, caralho!*

Quando ele olhou para trás, viu sua avó correndo em sua direção com uma vassoura e gritando:

– *Volte para casa, herege sem vergonha! Está indo acompanhar aquela puta na igreja do diabo, é? Deus vai te castigar, condenado de uma figa! Volte para casa! Volte para casa, satanás dos infernos!*

Ao ver a avó furiosa, Sinout esqueceu a dor causada pelo tamanco e fugiu numa velocidade estonteante deixando para trás um velho livro sagrado e uma de suas velhas sandálias havaianas.

Na igreja, após ouvir muita ladainha e gritos ensurdecedores, Sinout percebeu que o orador pedia que levantasse a mão aquele novato que queria aceitar o salvador. Contra a vontade de Zezinha, que não queria a presença dele naquela igreja porque isso estragaria seu programa com o pastor da gala de deus, Sinout se levantou. O orador espertalhão o chamou até o altar e pediu um testemunho.

– *Meu testemunho* – Disse ele – *é que faz cinco anos que não chove.*

Ao ouvido, o pastor lhe disse:

– *Fale de algo terrível que aconteceu na sua vida, irmão!*

– *E tem coisa mais terrível do que uma seca? Tem coisa mais triste do que ver suas vaquinhas morrerem?*

Ainda soprando no ouvido de Sinout, o pastor falou:

– *Irmão, fale dos seus pecados!*

– *Eu pequei por não querer ir mais à igreja. Fui castigado e a seca levou o que eu tinha!*

– *O diabo, meus irmãos* – Gritou o pastor – *O diabo impedia este homem de cultuar! Vejam o resultado: seca e fome! Aquele que não se der ao trabalho de vir à igreja terá como castigo a companhia do “Inimigo”! E sua vida será uma desgraça só! O diabo...*

– *Não foi o diabo, não!* – Interrompeu Sinout – *Foi preguiça minha, mesmo!*

– *E preguiça não é coisa do diabo, irmão? Mas isso é passado! Digam amém, irmãos, pois este homem renasceu para o sagrado! Ele está arrependido dos tempos da ignorância porque hoje ele se encontrou com o altíssimo! Chega de bebedeiras! Chega de vadiagem! Chega de crimes e pecados da carne! Digam amém!*

– *Eu nunca bebi, não! Sempre fui um homem trabalhador;*

nunca cometi crime nem “coisei” com mulher alheia! Eu estou aqui por causa de uma ideia salvadora!

– Ideia salvadora? A ideia salvadora está aqui, irmão! A ideia está neste livro sagrado! Esta é a ideia, a única ideia!

– Diga-me uma coisa. O senhor fala mesmo com o homem de lá de cima? – Perguntou Sinout.

– Agora você me deixou tão emocionado que senti os anjos do altíssimo soprando frases de amor em meus ouvidos! Eu entendo a língua dos anjos e falo com o homem sim, irmão! Eu o ouço tão bem como ouço você!

– Então fale para ele sobre minha ideia. Eu tenho certeza de que tudo vai melhorar porque o diabo vai atender a um pedido feito por deus e com isso deixar as chuvas chegarem até nós.

A igreja parou. Olhos espantados se viam por todos os lugares. “*Que desrespeito*”, diziam alguns, “*isso é sacrilégio*”, diziam outros. Zezinha balançou a cabeça sinalizando sua completa desaprovação. Nunca ninguém tinha ido até o altar para dizer tamanha blasfêmia contra o próprio deus. Imaginem se deus iria deixar seu lugar de glórias e se rebaixar aos pés do diabo para lhe pedir que parasse de segurar as chuvas! É obvio que aquele pedido não só era desnecessário como, se fosse feito, estaria colocando deus em um lugar de rebaixamento perante o diabo. O pastor arregalou os olhos e pensou: “*Quem é esse doido*”? Em seguida falou:

– Irmão, sua sorte é que deus perdoa os ignorantes iguais a você! Fique sabendo que deus não faz pedido ao diabo!

– Pois devia! – Gritou Sinout – *Nós precisamos de chuva, meu camarada! Se a desgraceira da seca está acabando com tudo, isso só pode ser obra do satanás! Deus num faz um mal danado desse a um filho! O senhor tem que pedir um acordo! Ninguém aguenta mais esse sofrimento!*

– Irmão, vá se sentar e se arrepender das palavras que acabou de falar, pois são ofensivas a deus. O demônio fala por você neste momento.

– Como posso falar e as palavras serem do diabo se estou indignado com a minha situação de penúria e a situação de miséria do resto do povo? Se eu fosse da parte do diabo, não me indignaria! O senhor trate de falar com deus e pedir que ele interceda junto ao “Coisa Ruim” para fazê-lo parar de interferir na vida da gente! Aproveite e peça para ele falar com o “Bicho Ruim” para deixar as chuvas chegarem até nós! Eu

creio que ele vai escutar nosso pedido e atender prontamente, pois ele é só bondade e amor infinito.

– Irmão, você fala asneiras como qualquer idiota! Os ouvidos de deus não se ocupam com idiotas! – Interrompeu o pastor.

– Idiota é a puta que te pariu, seu corno arrogante!

O pastor tinha um metro e setenta e cinco centímetros de altura contra um metro e sessenta centímetros de Sinout e tinha a mão tão grande que conseguia envolver o crânio dele. Com uma das mãos ele segurou Sinout pela cabeça, feito marionete, e com a outra segurou o livro sagrado dizendo:

– Eu te repreendo, animal dos infernos! Deus não quer acordo nenhum contigo nem com o teu pai, o satanás! Sai, demônio!

– Tire a mão de mim, desgraçado! – Pediu Sinout – *Você me respeite! Eu não sou demônio, não! Larga, larga de mim, vagabundo!*

– Irmãos, ajudem a tirar o diabo dos couros deste animal!

Quando conseguiu se livrar, Sinout de Sinet pegou o braço do pastor e o fez girar por sobre os seus ombros caindo de rabo no chão. Os obreiros e um bando de velhas rabugentas com mil demônios de força partiram para cima de Sinout e o que se viu depois foram dezenas de cadeiras plásticas quebradas, cacos de dentaduras pelo chão, arrancadas a soco, pentes e prendedores de cabelos quebrados, folhas de livro sagrado por todo lado e duas perucas. Num canto da sala estava Sinout todo machucado e amarrado. O pastor, sem a chapa dentária, todo amarrotado e despenteado, fazia as últimas preces com uma das mãos sobre a cabeça do endemoninhado e a outra ainda segurando partes do livro sagrado.

Zezinha foi a única que não entrou na briga. Estava agora ao lado do marido, agachada e mostrando, para os que estavam de pé, um decote com dois peitos espremidos num pequeno sutiã. Estufando a blusa, esses dois indivíduos estavam loucos para saltar dali e respirar um pouco de ar puro.

A confusão chamou a atenção do povo da rua e isso logo chegou aos ouvidos de Nica Calungu. Este, com seus dois metros de altura e o corpo de um touro, chegando ao local do barulho, empurrou a porta da igreja com um pontapé e disse:

– Daemones! Savus labus, seus filhos do cão! Vou levar Sinout com encosto^[27] e tudo. Esse diabo aí, quem vai tirar do couro dele sou eu! Aquele que tentar me impedir pode encomendar o caixão! Sai da frente,

“malum spiritus^[28]”! Sai da frente bando de urubus dos infernos! E você, pastorzinho de ovelhas filho de uma puta, larga o quengo dele ou, ainda hoje, vai conhecer o crucificado no inferno!

Sinout estava no meio de um sono profundo por causa de tanta pancada de livro sagrado na cabeça. Calungu o pôs nas costas e chegando perto de um bebedouro de bois e cavalos, atirou seu parceiro dentro. Zezinha, com sua bunda apertada numa saia que cobria até os calcanhares, seguia os dois num passinho curto e ligeiro.

Coitada de Zezinha! Por causa de sua religião não podia usar calça comprida, para não desenhar a bunda e seduzir os irmãos de fé, mas a saia era tão apertada que desenhava até a calcinha meio-fio-dental que ela usava causando intermináveis filas no banheiro masculino. As pernas ficavam tão apertadas nessa saia que se a menina tivesse algum probleminha intestinal, envolvendo uma simples flatulência, só ia ter um pouco de alívio quando despida por completo daquela indumentária cristã-protestante.

– Calungu, desse jeito você vai afogá-lo? – Disse Zezinha.

Calungu levantou o amigo e deu umas sacudidas tão fortes que os ossos chacoalharam fazendo um barulhinho: *cloc, cloc, cloc*. Sinout acordou dizendo:

– Eu “fodo um”^[29]!

Quando Nica o pôs de pé, Sinout foi ao chão com uma sensação de que cinquenta cavalos o haviam pisoteado. Levado para atendimento médico, acordou no outro dia numa UPA^[30] do vilarejo e, ainda com a cabeça zonz, um pouco embriagado e nauseado pelos efeitos colaterais dos medicamentos, falou embolando a voz:

– Só tem um jeito! Eu tive pensando e a melhor solução é deus e o diabo fazerem as pazes!

Todos os olhares dos outros pacientes, enfermeiras e auxiliares focaram no rosto de Sinout. Os outros doentes olhavam para ele e depois olhavam uns para os outros. Se fosse um filme de desenho animado veríamos sobre suas cabeças um monte de sinais de interrogação. Nunca na história da humanidade uma frase como aquela havia sido pronunciada: *“deus e o diabo fazerem as pazes”*. São palavras comuns, não restava dúvida, mas dispostas naquela ordem numa frase soavam como algo inédito, herético e inaceitável. Uma enfermeira religiosa ultraortodoxa que ia passando freou nas quatro patas. Ela ficou estática e tão confusa que dez

segundos se passaram sem que ela achasse palavras para dizer. Seus olhos pareciam querer sair das órbitas. Não inteiramente restabelecida, ela disse:

– *O senhor disse o que eu acho que acabei de ouvir?*

– *Disse e repito: deus e o diabo devem fazer as pazes! Por causa dessa briga que começou quando nós nem existíamos pagamos caro demais. Tá na hora disso parar! Tenho certeza de que meu precioso deus de Abraão aceitará perdoar o infeliz.*

– *O senhor disse o que eu acho que o senhor disse?*

– *A senhora nunca escuta nada, não? Só acha que escutou? Eu disse tudo que a senhora acha que escutou sim!*

A enfermeira teve um acesso de fúria tão violento que ficou estática. O rosto empalideceu, ruboresceu e tremeu, nessa ordem. Depois tremeu, ruboresceu e empalideceu, também nessa ordem. Em seguida inverteu a ordem e uma espuma branca começou a sair de sua boca parecendo ectoplasma. Se ela fosse espírita todos veriam Allan Kardec se materializando naquela gosma esbranquiçada. Se fosse católica, devido aos espasmos, chamariam um padre exorcista. Como era uma evangélica não descartaram a possibilidade de possessão demoníaca, no entanto, uma vez que não havia pastor na área, resolveram que seria melhor dar choques elétricos como tratamento alternativo.

Um médico veterinário que por ali passava foi quem primeiro investigou o caso cientificamente. Vendo a cena disse:

– *Isso não é doença da vaca louca. Eu já cuidei de um jumento com esses mesmos sintomas. Isso é epilepsia moderada.*

Mas foi quando ela mostrou os caninos e a baba que os médicos mudaram o diagnóstico afirmando que aquilo era raiva canina e a vestiram com uma camisa de força. Houve tumulto porque ela resistiu à internação, mas não foi nada grave. Nada que uma injeção de Diazepam na bunda não pudesse resolver.

Depois da confusão providenciaram outra enfermeira. Sabendo o que havia se passado, a nova enfermeira se dirigiu a Sinout e, lendo um papelzinho que tirou do bolso, disse:

– *Onde já se viu deus fazer as pazes com o inimigo?*

Recuperado e sóbrio, Sinout comentou:

– *A senhora é estagiária, né? Estagiários tem a mania de copiar tudo e sair enfiando nos bolsos.*

Com um tímido e discreto sorriso ela respondeu:

– *Sou sim. Estou começando hoje.*

– *Então responda: deus faz as pazes com seus inimigos?*

– *Não! Claro que não!*

– *Então não estamos falando do mesmo deus! Meu deus é bom, puro e ama as pessoas incondicionalmente! O deus em quem acredito jamais daria um mau exemplo! Se eu que sou um reles mortal, um ignorante, um orgulhoso, um verme que não tem um trilionésimo da bondade de deus devo perdoar quem me ofende, por que deus não pode fazer o mesmo? Deus perdoa ou não perdoa? Eu mesmo respondo isso: deus perdoa! E perdoa qualquer um, até mesmo o diabo! Meu deus é humilde, amoroso, misericordioso e não se confunde com esse deus esquizofrênico, orgulhoso, sádico, maligno, falso e odioso que vocês pregam!*

Confusa, ela remexeu os bolsos como se estivesse procurando um papelzinho com algo escrito que pudesse ajudar a responder, mas não encontrou. Então disse:

– *Deus perdoa, mas o diabo não quer ser perdoado.*

– *Como você tem tanta certeza disso? E se o diabo não quer, por que deus não vai até ele e, humildemente, oferece o perdão?*

A enfermeira substituta pega outro papelzinho e diz:

– *Aqui está escrito que eu devo fazer cara feia para você antes de responder.*

Com olhos que pareciam maçaricos em chamas, um nó de indignação na garganta, boca entreaberta deixando escapar sons de dentes postigos rangendo, parecendo mastigação derivada do último estágio de ruminação, ela falou:

– *Você acha que deus vai se humilhar para o diabo?* – Perguntou a estagiária.

– *Você está dizendo que o seu deus não pode cometer um ato de humildade perante o demônio? Você afirma que deus, tal qual um humano imperfeito e arrogante, está contaminado pelo pecado do orgulho? Você tem certeza de que estamos falando do mesmo deus? Eu me refiro ao deus que oferece a face para o inimigo bater; um deus misericordioso e infinitamente bondoso. Um deus que ama seus filhos, mesmo os piores pecadores. O Satanás não é mais um dos tantos filhos que deus botou no mundo? Sendo um filho de deus, o demônio não deveria ter uma chance?*

A enfermeira substituta estagiária pega outro papelzinho, lê e

diz:

– *Deus me proteja, pois estou diante do próprio satanás enganador! Vou chamar o médico para dar alta a esse demônio!*

A enfermeira saiu e Sinout olhou para os colegas de enfermaria e perguntou:

– *Eu falei alguma coisa que não devia? Eu... Eu estou errado por pedir que deus e o diabo façam as pazes e... Bom, eu estou errado em querer que o mal simplesmente desapareça? Isso... Isso não seria bom?*

Alguns doentes religiosos menos ortodoxos apenas viraram a cara para não olhar para Sinout; outros religiosos doentes se cobriram dos pés até a cabeça com seus lençóis e muitos que nem tinham senso religioso definido, como alguns católicos, fizeram beicinho e assim selaram este assunto, como aprenderam a fazer desde a infância, como se usassem uma pá de cal e uma cobertura de mármore frio por cima de tudo que ousasse ameaçar suas crenças.

“As cabeças humanas – Pensou Sinout – andam por aí abertas à discussão sobre vários assuntos. Mas quando se trata de religião, há uma trava com seiscentos milhões de cadeados impossibilitando tal debate”.

A imagem que vem à mente para simbolizar esse momento é a de um computador que trava, quando seu usuário tenta entrar em um diretório não permitido, e insiste em apresentar, com letras que acendem e apagam, fazendo um barulhinho característico, a seguinte mensagem: “acesso negado”.

De volta ao promíscuo lar de Sinout, uma semana após a surra religiosa, depois de acender o fogão de lenha Sinout chamou Calungu para tomar um café fresquinho preparado por Zezinha.

– *Eu acho que aquele pastorzinho não vai falar com deus, não.*
– Disse Sinout. E continuou: – *Eu nunca pensei que o pessoal que vive do lado do “bem” fosse capaz de rejeitar uma proposta para fazer o bem à humanidade. Mesmo sabendo da possibilidade de o mal ser extinto, eles não querem nem pensar na hipótese de deus e o diabo resolverem suas pendências.*

– *Não acredito que você ainda esperava que o pastor fosse atender seu pedido!* – Argumentou Nica – *Esqueça isso, por favor!*

– *Deixe isso para lá!* – Disse Zezinha – *Eu tenho certeza de que o pastor não vai falar com deus sobre isso.*

– *Como você tem tanta certeza assim?* – Perguntou Sinout.

– É uma questão de justiça. Além do mais, a ideia de salvar a humanidade não é dele. É a ideia de um pecador. Assim, não deve ser boa.

– Isso é coisa pesada, Sinout. – Completou Calungu – É briga de cachorro grande. Não tente entrar nisso.

– Que seja! Se a gente não consegue levar a ideia até deus, então vamos levá-la ao seu inimigo! Mas eu duvido que um deus tão misericordioso negue um perdãozinho besta desse. E com isso todos nós ganharemos. Ninguém mais precisará sofrer aqui nem no inferno.

– Acabe com essa história de falar desse inimigo desgraçado aqui, dentro de casa! – Interrompeu Zezinha.

– De jeito nenhum! – Gritou Sinout – Eu falo sim! E se precisar eu vou até o inferno dar na cara daquele filho de uma puta! E ainda arranco um chifre e enterro na bunda dele!

– Espero que você se canse disso e desista. – Interveio Calungu – Sua ideia não é ruim. Mas nessa empreitada você vai sozinho. Tô fora! “Auribus teneo lupum”^[31].

– Isso quer dizer o quê? – Perguntou Sinout.

– Simplesmente isso: não me meto nessas coisas do além! Eu não quero me meter nisso porque procurar deus é muito cansativo. E procurar o diabo cansa muito mais.

– Até você é a favor de continuar toda essa safadeza e putaria no mundo?

– Eu sou pelo certo. “Gravis lex sed lex”. O certo é certo aqui e no deserto. Eu não quero me envolver.

– Não precisa você fazer isso, não! Deixe que eu fale com os espíritos vagabundos, com as almas imundas e todos os anjos podres e molambentos do inferno! Eu falo com todos esses putos fedorentos! Só quero uma coisa: saber onde está o culpado por segurar as nuvens que não chegam até nós! Eu tenho um plano para pegar o capeta. Nica, você só precisa me ajudar a levar o “Lazarento” para um lugar seguro. O resto é comigo! Não faça isso por mim, não! Faça pela humanidade. Já pensou no que vão dizer de nós pelo resto da eternidade? Nica e Sinout: os homens divinos! Sem eles, a humanidade estaria perdida, pois foram os únicos que tiveram a ideia de pôr um fim na briga do bem contra o mal! Eles ajudaram deus a reatar o relacionamento com o seu mais belo filho, o diabo. Ai, todo mundo vai dizer: a solução para resolver o maior conflito de todos os tempos estava na nossa cara, mas só Sinout e Nica foram capazes de ver! Padres, bispos, arcebispos,

papas e até cristos nasceram e morreram sem nunca perceberem como a resolução do problema era fácil!

– Sinout, eu entendo você. Tudo que você diz é cristalino feito água de nascente. “Claribus astrofo ostrópio turbinis”^[32]! Lembrando do velho Dr. Veiga, só me vêm na mente umas palavras para definir essa sua ideia: “extratus factuns canônicos”!

– Isso quer dizer o quê?

– Boa ideia.

– “Boa ideia”?! Isso é muito pouco diante da verdadeira grandeza do ato!

– Claro! Como é que ninguém no mundo pensou numa solução besta dessa? – Exclamou Nica – Você conseguiu enxergar o que só um jumento não enxergaria. Mas isso é uma ideia tão bosta que ninguém em sã consciência conseguiria pensar sobre ela! Veja bem: a menos que deus seja orgulhoso e rancoroso, o que é pecado, basta ele ter uma conversinha particular em seu escritório com o diabo e, usando um palavreado como o do Dr. Veiga, cheio de “data vênia”, “erga omnes”, “congratulations, verbi gratia” e convencer o “chifrudo” de que isso não está certo. Se ele fizer isso, Sinout, eu garanto: está resolvida a parada. Mas você não acha isso fácil demais, não? Eu quero dizer... Isso não parece simples demais?

– Não, Nica. É muito difícil fazer isso.

– Bom, uma coisa é certa: o diabo já não aguenta mais tanto sofrimento, meu cumpade^[33]! Eu já tô até imaginando como vai ser a resposta do ferrabrás: “Santidade, é só dizer onde é que eu assino. Com isso, nós acaba de vez com essa peitica^[34], não é?”

– Vai ser assim mesmo! – Confirmou Sinout.

– E no outro dia... – Disse Nica Calungu – ... o povo do mundo inteiro vai estar tão calminho que vai parecer que saiu de um sanatório, depois de tomar uma dose cavalgar de remédio pra doido. Eu, bem dizer, já estou até vendo a cena: o povo cagando e andando despreocupado feito vaca num pasto bem verdinho!

– Menos, Nica! Menos! Você já quer avacalhar^[35] meu plano! O que a gente quer é acalmar o “chifrudo” para ele soltar as chuvas de que precisamos! Só isso!

– Eu estou só escutando essa conversa de vocês e não estou achando justa – Interrompeu Zezinha – Depois de tudo que a gente fez, seguindo a “palavra” direitinho, vem um negócio desse e bota fim em tudo?

E todo mundo que viveu em pecado o tempo todo vai ser perdoado sem merecer? Cadê o merecimento? Até o bodegueiro pirangueiro, safado e ladrão da vila vai herdar o paraíso, é? Isso não está certo! O paraíso é a recompensa para os que seguem as verdades de deus. Se eu soubesse que haveria um perdão coletivo desse que você propõe, eu tinha aproveitado mais a vida!

– Estás vendo, Nica – Disse Sinout – Na minha própria casa eu encontro resistência! Mas algo que Zezinha não disse me deixa preocupado: ela acabou de confessar que não é boa de graça, mas por causa de uma recompensa.

– Não vejo ninguém me dar nada de graça!

Dizendo isso, Zezinha saiu arrastando a enorme bunda.

– Não ligue não! – Disse Nica Calungu – Deixe Zezinha falar. É assim mesmo: primeiro vem o egoísmo, depois vem o lado humano. Este vai falar mais alto e Zezinha vai aceitar a ideia. Agora, só tem um detalhe não esclarecido. Como você vai fazer para falar com o “Pé de bode”?

– Não lhe falei ainda porque é a parte mais fácil.

– Fácil? Até parece que a gente anda o tempo todo por aí dizendo: boa noite, seo^[36] satanás; bom dia, seo pazuzu; boa tarde, compadre belzebu!

– Aproveitando que Zezinha saiu, vou lhe dizer uma coisa: nunca vi pastor de igreja do diabo tirando um deus do corpo de ninguém! Agora, o que não falta todo santo dia é pastor tirando capeta das costas dos irmãos! É isso que acontece na igreja que ela frequenta.

– De “factum norem”.

– O que você disse?

– Eu quis dizer, “de fato”, em latim, como o Dr. Veiga.

– E você disse?

– Não sei. Faz tanto tempo que não estudo latim. Já esqueci muita coisa.

– Mas vamos deixar isso de lado. Olhe, meu amigo, vida de diabo hoje em dia é muito difícil. É o ano todinho nessa pisadinha: entrando em igreja e saindo de igreja todo santo dia! Cada vez que se cria um desses lugares de adoração, parece que o céu manda uma cartinha dizendo para o diabo se apresentar no endereço tal, número tal, na hora e no dia que o pastor quiser e obedecer suas ordens! Quando chega lá, é um tal de: “Se manifesta, diabo”! “Dobre o joelho, cão dos infernos!” “Bote as mãos pra

trás, Ferrabrás”! “Tá derrotado, filho de quenga”! “Tá amarrado”! “Eu te repreendo”! “Sai desse corpo que não te pertence”! Ave Maria, ninguém aguenta tanta humilhação não! E cai no chão e se contorce! Depois tem que se levantar com o pastor puxando pelos cabelos e os obreiros dando dedada no rabo do infeliz! Olhe, Nica, o diabo passa por tanta humilhação que qualquer dia desse ele vai reclamar lá no céu!

– Isso quer dizer que você vai até a igreja falar com o “Bicho feio”?

– Vou entrar disfarçado e ficar bem quietinho. Quando o bicho aparecer eu pulo na frente do pastor e a partir daí quem vai falar sou eu.

– Sinout, boa sorte. Agora vou descansar um pouco. Depois você me conta o resultado.

– Até logo, meu amigo. Você saberá.

Sinout não percebeu, mas Zezinha estava escutando tudo atrás de uma porta. Assim que Calungu se recolheu à rede e Sinout foi dar milho para as galinhas, ela foi até o espelho, penteou os cabelos, jogou um xale nos ombros e, como se diz no Interior, “ganhou o mundo^[37]”. Ganhou o mundo e ganhou as horas; ganhou um “a paz do senhor, irmã”; ganhou também uma benção e contou os segredos de Sinout para o pastor; ganhou um afago; ganhou um carinho e uma mordida no cangote; ganhou uma cama e, vestida de anjo com uma túnica branca e sem sua calcinha meio-fio-dental, ganhou prazeres que lhe faltarão no céu. Depois ganhou o almoço farto que lhe faltava em casa; ganhou a sesta; ganhou um pirulito de leite condensado com cobertura de chocolate branco, como sobremesa, tentou desatar o nó indesatável da cabeça do pirulito, gemeu de prazer e quando o último botão fechou a blusa, voltou para casa, santa e putrificada.

Capítulo IV – A Profecia

A igreja parou quando o pastor da gala de deus, enganando os tontos fiéis, disse que um anjo falava ao seu ouvido.

– Irmãos, meu coração está triste! O mesmo homem que outro dia destruiu nossa igreja fará nova tentativa hoje! Estou sendo alertado neste momento por um anjo do senhor! Com a voz chorosa, ele me diz que o tal homem entrará disfarçado e se sentará naquela cadeira vazia, ali! A intenção dele é impedir que expulsemos demônios! O que faremos?

Devemos deixar que ele vá adiante com essa maléfica empreitada?

Houve um burburinho e cada fiel bufou mais do que o outro, feito touro bravo, sugerindo todo tipo de reação violenta.

– *Silêncio, irmãos!* – Gritou o pastor – *Vamos seguir a orientação do anjo do senhor!*

Ele leva a mão ao ouvido direito e diz:

– *Peraí^[38], irmãos, façam silêncio, pois estou fazendo contato! Fale, anjo do senhor!*

Como o barulho não diminuía, fingindo conversar com um anjo, ele gritou:

– *Façam silêncio, irmãos! O anjo vai nos dizer o que fazer! Pois não, santo anjo do senhor, meu zeloso e guardador. Se ele a ti confiou a piedade divina, sempre me rege, me guarde, me governe, me ilumine, amém! Oriente-nos, por favor!*

Fingindo, ele vai até um canto da sala e continua sua encenação dizendo:

– *Sim... Sim, estou entendendo. Pois não... Sim, estou ouvindo tudo. Pode falar. Sim, eu entendo a língua dos anjos. Sim... Sim, faremos. Nós faremos isso do jeito que o senhor está me ordenando. Pode deixar... Correto, avisarei aos nossos irmãos que o dízimo precisa ser colocado em dia. Quem está falando é o... Ah, sei... É o anjo Gabriel! Sim... Estamos mesmo precisando de uma reforminha nas instalações. Pode deixar... Eu falo com os irmãos pra colocarem o dízimo em dia e, além disso, ofertarem sempre nas nossas reuniões. Astralolicovas para o senhor também. Falenditus charanabaia! Oxuri oxã! Ramisesfulenabaia! Aproveite e diga ao nosso bom deus que mando lembranças e muitas churumbanapias!*

Terminada a encenação, o pastor se dirigiu aos fiéis e falou:

– *Ouviram? Falei com o próprio Gabriel! Faz tempo que não vejo as finanças da igreja. Se Gabriel não me alerta... Bom, ele disse que o dízimo está muito atrasado. Quem não paga o dízimo, rouba de deus! Quem rouba de deus... Vocês já sabem. Esse é o único pecado que não pode ser perdoado na última hora! Agora, escutem o que vou lhes dizer. Com relação ao intruso que vai aparecer, ele disse que não devemos usar de violência, pois os tempos de carnificinas ordenadas por deus já acabaram. Em outros tempos, deus iria ao delírio se nós empalássemos esse seguidor de Baal. Para os tempos de hoje, basta a gente enganar, fazer de besta esse satanás! Agora, vamos continuar o culto como se nada estivesse*

acontecendo.

Aproximava-se a hora que todos esperavam: a sessão de descarrego. Algumas pessoas da vizinhança, mesmo aquelas cuja religião era oposta, aglomeravam-se para ver o ponto alto: o exorcismo.

Conforme o pastor havia predito, ou melhor, fingido a previsão, pois Zezinha, nos intervalos dos prazeres da carne, havia informado a ele sobre os planos de Sinout, entrou na igreja uma figura estranha vestida com um sobretudo e usando um chapéu de abas largas. A sombra do chapéu tomava o rosto do indivíduo dificultando sua identificação. A figura se sentou exatamente no lugar onde o pastor indicara, pois não havia outro lugar vazio.

O religioso perguntou:

– *Temos alguém endemoninhado?*

Dois obreiros trouxeram um rapaz amparado pelos braços e o largaram ao chão, bem nos pés do pastor.

– *Podem deixá-lo aqui.* – Disse ele.

Pegando pelo pescoço do infeliz com uma das mãos e com os nós dos dedos da outra mão dando duas pancadinhas na cabeça do possuído, perguntou:

– *Tem alguém aí?*

O endemoninhado respondeu:

– *Sim, pastor, eu e Tranca-Rua.*

Chateado com a péssima atuação do rapaz o pastor falou irritado:

– *Então trate de sair daí, satanás! Deixe somente Tranca-Rua e fique na posição contrária à meia-água, ou seja, curvado!*

Com essa ordem o endemoninhado curvou o espinhaço, botou as mãos para trás, enrijecendo-as, e revirou os olhos. Deu duas fungadas, duas cuspidas, mudou o tom de voz e disse:

– *Hoje, eu “lasco um”^[39]!*

Nesse momento a figura que vestia o sobretudo se revelou: era Sinout. Ele se levantou, foi até o rapaz que estava possuído e disse:

– *Muito bem, seu porco fuçador dos infernos! Leve-me ao seu chefe!*

Acontece que o possuído não se intimidou. Olhou fixamente para Sinout e disse:

– *Quem dá as ordens aqui agora sou eu! Eu estou no comando!*

Isso é um sequestro!

– *Olhe aqui, seu cãozinho vagabundo! Fique sabendo que eu não tenho tempo a perder com você! Leve-me agora ao seu chefe!* – Ordenou Sinout.

Tranca-Rua deu uma gargalhada e disse:

– *Ou você me traz uma grade de cachaça ou eu enfio o espeto no cu de Sinet!*

– *O que você disse?*

– *Eu estou com seu pai, o velho Sinet, aqui! Ou faz o que eu digo ou eu mato ele de novo!*

– *É? Então bote ele aí na linha! Quero falar com o meu pai!*

Tranca-Rua, tentando imitar o finado Sinet, pai de Sinout, falou:

– *Sinout, meu filho...*

– *Pai, onde o senhor está?!*

– *Eu não sei, meu filho, mas faz muito calor aqui!*

– *Pai, o senhor está vendo deus?*

– *Deus? Bom, se ele tiver rabo e chifres, eu estou vendo três!*

Sinout agarrou o pescoço de Tranca-Rua e falou:

– *Tranca-Rua desgraçado! Se você machucar meu pai eu juro que vou buscar você no inferno!*

Os irmãos de fé tiveram que ajudar a suposta entidade sobrenatural a sair das garras de Sinout. Quando conseguiram, Tranca-Rua respirou fundo, esticou o braço em direção a Sinout, apontou para ele com o dedo indicador e disse:

– *Você acabou de cair na pegadinha da igreja!*

Em seguida, o suposto Tranca-Rua deu uma sonora gargalhada enquanto um dos fiéis despejava farinha na cabeça de Sinout. Dessa vez todos participaram da gozação, inclusive Zezinha, que sorriu feito louca quando viu seu marido todo branco coberto com pó de farinha.

Sinout sacudiu o pó, olhou para Zezinha com um olhar de pessoa traída, bateu o pó do chapéu e saiu entre gritos de “*vai-te embora demônio*”. À porta, Nica o esperava para fazer sua segurança. “*Finales, finales pud*”, disse ele, “*Quer que eu quebre a igreja de novo?*” Cabisbaixo, Sinout sinalizou negativamente. Nica não teve dúvida de que seu amigo estava se sentindo humilhado não apenas pela gozação, mas porque Zezinha participara ativamente.

O tempo passou e quando todos achavam que o assunto estava

encerrado, Sinout, sabendo que Zezinha havia contado seu plano para o pastor, arquitetou outro plano ainda mais audacioso.

Sete semanas após a humilhação, Sinout e Nica, surpreendendo a todos, entraram armados na igreja bem na hora em que *Tranca-Rua* estava se manifestando. Ameaçaram todos os fiéis e fugiram numa carroça, puxada por um burro, levando dentro de um enorme saco de estopa o endemoninhado amordaçado e com as mãos amarradas: sequestraram *Tranca-Rua*.

Ao tirarem o demônio do saco, numa casa abandonada à cerca de cinco quilômetros de distância do Vilarejo dos Prazeres da Santa Virgem, Sinout falou:

– *Agora que sei que tu és tu mesmo, que não estou enganado, fala, desgraça! Eu preciso falar com o diabo e negociar uma saída para um impasse que já dura milhares de anos. Não quero perder mais tempo!*

O sequestrado arregalou os olhos.

– *O acordo de Sinout é justo.* – Disse Nica Calungu.

– *Propomos, em nome de deus e pelo amor de deus, o perdão total ao diabo.* – Disse Sinout.

– *Mas antes, vocês precisam se arrepender e fechar o inferno!* – Completou Nica.

O sequestrado estava estático, alternando seu olhar espantado entre os dois maridos de Zezinha.

– *Para isso, o diabo tem que reconhecer seus erros!* – Disse Sinout.

– *E tem que parar de atentar o povo!* – Acrescentou Nica.

– *Tem que soltar as chuvas!* – Disse Sinout.

– *E parar de fazer redemoinho! Isso me assusta demais! Além do mais, levanta uma poeira da porra!* – Completou Nica.

– *Tem que parar de trazer doenças!* – Disse Sinout.

– *E parar de atentar as mulheres chifreiras!* – Completou Nica.

– *O diabo tem que se comportar como um bom moço!* – Disse Sinout. – *Vai aceitar? Responde, infeliz! Em nome de deus, eu insisto: responde, desgraçado! Se não falar, eu boto merda na sua boca!*

– *Sinout, a gente esqueceu de tirar a mordaça da boca desse infeliz!* – Alertou Nica.

Livre da mordaça o endemoninhado falou:

– *Vocês são dois malucos! Quem foi que disse que vocês podem*

falar em nome de deus? Eu quero sair daqui! Socorro!

Nica tomou-lhe a frente e disse:

– Nocta Van! Você pode ser Tranca-Rua, destranca rua, fecha rua, o caralho a quatro! Mas se sair daqui sem Sinout mandar, eu lhe quebro as canelas! E pare de gritar que ninguém vai ouvir porra nenhuma!

Virando-se para Sinout, Calungu continuou:

– Ele tem razão, Sinout. Só um ungido pode falar em nome de deus.

– Ungido? Que diabo é um ungido? – Perguntou Sinout.

– Um padre. – Respondeu Nica.

– Um pastor também é um ungido! – Interrompeu o sequestrado.

– Ungido, untado, besuntado, mijado, cagado... Que se dane para lá! Fique calado e só fale quando eu ordenar! – Gritou Sinout. E conversando consigo mesmo perguntou:

– Onde eu vou arranjar um diabo de um padre?

Nica saiu da casa deixando os dois conversando e andou um pouco. Em seguida voltou e disse a Sinout:

– Não perca seu tempo! Vamos embora!

– Eu preciso saber onde...

Interrompendo Sinout, Nica falou:

– Vou lhe mostrar a verdade.

Com as duas mãos, Nica levantou o sequestrado e disse:

– Responde, satanás!

– Você quer que eu diga o quê? – Perguntou o sequestrado.

– Onde está o diabo? – Perguntou Nica Calungu – *Ou responde ou só sai daqui num caixão!*

– Mas eu não sei de nada! – Disse o sequestrado.

– Você não é o Tranca-Rua, seu miserável?! – Perguntou Sinout
– Você tem que saber onde se encontra esse desgraçado!

– Eu não sou Tranca-Rua! Eu sou Raimundo!

– Onde está o Tranca-Rua? – Insistiu Sinout.

Eles não conseguiram arrancar nenhuma informação do sequestrado, que acabou revelando a farsa da possessão, e o plano de Sinout voltou à estaca zero.

No caminho de volta para casa, outro plano foi criado por Sinout, pois ele concluiu que houve escolha do segmento religioso errado para intermediar um acordo com Satã.

No vilarejo, Sinout e Nica deixaram Raimundo perto da igreja e foram para casa deles, pegaram uma mala com seus pertences e informaram a Zezinha sobre o plano de ir até Arcoverde falar com o padre, porque, conforme concluiu Sinout, só quem devia ter o poder de oficializar um acordo com o Pazuzu-dos-infernos era um legítimo herdeiro dos poderes dos antigos apóstolos da primeira e única igreja a edificar o sagrado trono de São Pedro. Lembrou que Pedro significava pedra e Jesus tinha se referido a uma pedra e, portanto, a Pedro quando disse: *“Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”*. Assim, procurar qualquer outra representação religiosa seria, como de fato foi, perda de tempo.

– *Vão sozinhos!* – Disse Zezinha – *Vão embora, com seus diabos, procurar os outros demônios! É aqui que a gente se separa! Eu não aguento mais essas histórias!*

– *Simples assim, Zezinha?* – Perguntou Sinout.

– *Mais simples, impossível! Não vou acompanhar dois loucos!*

– *Quando nós voltarmos...*

– *Não voltem nunca mais!* – Disse Zezinha, aos gritos, interrompendo Nica.

O olhar de Sinout se perdeu por três segundos no olhar provocativo de Zezinha. Ele pensou em desistir por dois segundos e um segundo depois entendeu que aquela mulher não valia o preço da salvação do mundo.

Nica, que não costumava demonstrar nem alegrias nem tristezas nessas horas, pois já estava acostumado com as idas e vindas de Zezinha, agiu como se apenas Sinout fosse casado com ela e não deu importância ao fato. Aquela seria a quinta vez que a moça abandonava os dois. Das outras quatro vezes, o máximo de tempo que ela passou separada dos dois maridos foram três dias. Nesses três dias ela se dedicou aos prazeres da carne e voltou com um olho roxo por causa de uma pancada que a mulher do pastor lhe desferira ao flagrá-la com seu marido. Na ocasião, o pastor teve seus órgãos genitais levemente lesionados. Nada que uma compressa de gelo, durante uma semana, não pudesse resolver.

Nica não se importava com nada, não dizia nada porque havia se acostumado com a ideia de ser apenas o outro, aquele que ajudava a apagar o fogo da esposa devassa do seu amigo. As cenas de ciúme ou as cobranças pelos desvios de comportamento da moça, eram incumbências do primeiro titular.

As malas foram feitas e jogadas em cima de uma carroça de burro. A viagem teve início.

Zezinha estava confiante de que assim que Sinout e Nica dobrassem a primeira esquina, ela poderia correr para os braços do amante e finalmente gozar as delícias desta vida sem se preocupar com o inquietante pecado do adultério. *“Mas o pastor é casado”*, pensou ela. *“É casado, mas o problema agora é só dele. Ele que deve resolver seu problema com deus. Ele é quem sabe se vai continuar pecando para depois queimar no fogo eterno”*.

Com esses pensamentos girando numa velocidade insana dentro de sua cabecinha promíscua, ela sentiu o corpo tremer e o coração acelerar quando viu Sinout e Nica sumirem no pequeno horizonte do vilarejo. Rapidamente penteou os cabelos, jogou um xale nos ombros e foi procurar o amante que naquela hora acabava de realizar um culto. Bastante feliz e excitado por ver Zezinha com seu corpo apertado num vestidinho tamanho “P”, tratou de conduzi-la rapidamente até seu sítio. Enquanto ela contava o que estava acontecendo, o *Pastor da Gala Divina* ia tirando suas peças de roupa até que parou no exato momento em que a amante falou do fim dos seus casamentos.

– *O quê? Volte imediatamente para seus maridos!* – Disse ele. – *Mulher foi feita para homem e mulher sem homem é feito cão sem dono! Fica por aí de mão em mão, dando para qualquer um, e quando pensa que não, está perdida para sempre, atormentada por uma febre infernal nas entranhas e uma compulsão desenfreada ao pecado da carne! Volte imediatamente para seus homens! Mas antes, vamos terminar o que já havíamos começado! Venha cá, minha filha!*

Depois de se subjugar aos desejos do semeador divino e gozar feito jumenta no cio, implorou ao dominador uma esmola de amor e compaixão, pois naquele momento se sentia uma mulher abandonada pelos maridos e rejeitada pelo amante. Uma mulher cuja principal virtude, segundo ela mesma, era a de se entregar não a qualquer amante, mas àquele que tinha o dom de falar com deus e, quem sabe, presenteá-la com o que Sinout e Nica nunca conseguiram: um filho. Não um filho qualquer, mas um descendente direto do divino.

Não adiantou a hipótese do sêmen divino nem qualquer outra apelação. Humilhada com a recusa do ssua calcinha meio-fio-dental num local de fácil acesso embaixo da cama, onde a mulher do pastor pudesse

encontrá-la e repetir, quem sabe, a cena de ciúme cujo resultado seria uma nova lesão testicular, e voltou para sua casa. No caminho, passou na casa do pastor, tocou o interfone e quando a mulher de “*Gala Santa*” atendeu ela falou:

– *Esqueci agorinha mesmo minha calcinha suja lá no sítio. Quando você a encontrar debaixo da cama, lave, passe e guarde-a para mim.*

Já sentindo o gosto da vingança ela fez suas malas, selou um burro e seguiu o rastro dos maridos.

Capítulo V – Glorinha Ganzá

Sinout e Nica Calungu entravam na cidade de Arcoverde quando Zezinha os alcançou. Percebendo sua chegada, Calungu comentou:

– *Desta vez não deu nem tempo de a gente sentir saudades.*

Sinout a ignorou e ignorou também o comentário do amigo. Ele

apenas seguiu em frente como se nada tivesse acontecido. Ela os seguiu a distância até que chegaram à escadaria da igreja católica da cidade, às dez da noite. A missa já havia terminado e o padre já tinha se recolhido à cama. Não adiantou implorar ao coroinha para falar com o sacerdote. O jeito foi dormir ali na escadaria da igreja e esperar amanhecer o dia.

Pela manhã, os três foram recebidos pelo padre que, após ouvir os motivos da visita, afirmou ser diácono e como tal não tinha o poder de celebrar acordos de tal monta. Mas informou que havia um padre chamado Cortez, em Serra Talhada, que talvez pudesse conceder-lhes uma audiência.

O Sacristão tentou ajudar interrompendo a conversa e levou um fora do padre que se dizia diácono. Não gostando do fora o sacristão falou:

*– Mas Glorinha Ganzá
Inda anda por aí.
Sem medo de aqui chegar
E sem nada de perai.*

*Procurando santo pau
E pau santo pra alisar
Correndo de lá pra cá
Toda vez que quer “transar”.*

– *Cale-se!* – Gritou o padre. E desafiou o sacristão também rimando:

*– Maldita rima!
Maldita hora pra guerrear.
Saiba você e os arcanjos
Que conheço um marmanjo
Que toda vez que vai pecar
Lhe chama de Maria preá!*

O sacristão arregalou os olhos e, olhando fixamente para o padre, disse:

– Tudo bem, já que é assim, morreu Glorinha Ganzá!
E o padre respondeu:
– Tudo bem. Se morreu Glorinha Ganzá, também morreu Maria

preá!

Sinout, Zezinha e Nica não entenderam nada daquela conversa estranha sobre a tal *Glorinha Ganzá* e *Maria Preá*. Mas, no Nordeste, o povo está cansado de saber dessa história. Conta-se que o padre tinha um romance oculto com uma belíssima beata, apelidada de *Glorinha Ganzá*, e que o sacristão havia flagrado os dois na cama. Com medo que os fiéis de sua paróquia ficassem sabendo, o padre, chantageado, fazia todas as vontades do sacristão. Quando o padre esquecia do assunto e cobrava alguma coisa do chantagista cristão ele rapidamente perguntava: “*Tá lembrado de Glorinha Ganzá*”? Ocorre que o padre também flagrou uma cena inusitada atrás do altar: o sacristão em posição sofrível com *Sabirila Papa-frango* fungando em seu cangote e dizendo: “*Farei com você o que fizeram com Maria Preá*”.

De longe o padre gritou:

– *Sacristão, filho do cão e do Mangangá!*

Te peguei dando para alguém aquilo que para mim não dá!

Esqueça daqui pra frente quem comeu Glorinha Ganzá

Senão conto pra todo mundo que achei Maria Preá!

Naquela posição bastante incômoda o sacristão só conseguiu fazer o sinal de positivo e, com dificuldade afirmar: “*Morreu Glorinha Ganzá*”.

E o padre respondeu:

– *Se é assim, também morreu Maria Preá!*

Capítulo VI – Sedução

Em cima de um caminhão pau-de-arara, eles chegaram à Serra Talhada ao meio dia. Sem perder tempo foram ver o padre Cortez que calmamente escutou o plano dos amigos acariciando sua enorme barba. Num primeiro momento o padre apenas observou os três como se estivesse diante de extraterrestres. Mas eles não tinham a pele verde nem as anteninhas, por isso o padre descartou a hipótese marciana e acreditou que se desse uma olhada pela janela da igreja veria uma ambulância do manicômio com alguns enfermeiros à procura daqueles três loucos. Como não apareceram ambulância nem enfermeiros, passou a ouvir Sinout como se estivesse ouvindo um jumento. Pensou em oferecer chá de capim-santo no lugar de café aos recém-chegados, mas lembrou que o deboche não combinava com os deveres da dignidade cristã. Em seguida se levantou, andou de costas bem devagarzinho até a porta e foi embora sem nada dizer. Foi a beata Mocinha que os alertou sobre o fechamento das portas da igreja. Assim, entenderam que era hora de sair e procurar um lugar para ficar até decidirem o que fazer. Mas como decidir isso se nem mesmo sabiam o que o padre achava sobre o assunto que Sinout lhe apresentara? O que quis dizer o padre quando não disse nada? Melhor fez o pastor quando rechaçou a ideia imediatamente e, assim, deu a Sinout a chance de pensar no próximo passo. Também agiu correto o padre que se dizia diácono de Arcoverde quando se declarou incompetente. Mas agora, o silêncio do padre de Serra Talhada abria um profundo vazio em seus planos. Uma lacuna que se não fosse preenchida nas próximas horas faria com que o grupo se dispersasse, uma vez que Zezinha, talvez sentindo a falta do amante, já sinalizava com o desejo de voltar para casa.

– *Volte quando quiser. Acho que não somos mais uma família.* –

Disse Sinout a Zezinha. Ela estremeceu. Ele nunca havia dito palavras tão duras. *Seria mesmo o fim daquele relacionamento*, pensou ela. E perguntou:

– *Quero unir a família de novo. Você acha que estou aqui por quê?*

– *Não é por minha causa.* – Respondeu Sinout e virando-se para Nica, perguntou:

– *Ela veio atrás de você?*

– *Deixe isso para lá.* – Amenizou Nica – *Se ela nos seguiu, há algo em nós que lhe interessa. Agora temos um outro assunto que parece urgente, Sinout. O que faremos daqui para frente?*

– *Não posso decidir por vocês. Eu vou ficar até ser recebido novamente pelo padre. Ele vai ter que falar alguma coisa.*

– *Você volta comigo, Nica?* – Perguntou Zezinha.

– *Zezinha, não piore a situação. Não me pergunte uma coisa dessa se você conhece a resposta: só volto com Sinout. Se você o abandonar, abandona a mim também.*

Antes de Nica terminar sua resposta, Sinout pegou as malas e disse:

– *Ela acabou de me abandonar. Escolheu você, amigo. Vou procurar uma pensão. Adeus.*

Os dois o seguiram e quando encontraram um lugar para ficar, Sinout, bastante chateado com Zezinha, propôs que ficassem em quartos separados até que ele resolvesse seu assunto com o padre. Zezinha concordou e propôs ficar num quarto com Nica.

– *Por mim está ótimo!* – Disse Sinout.

– *Por mim não está ótimo!* – Disse Nica – *Ela vai ficar sozinha para aprender que somos uma família!*

– *Não sentirei falta de nenhum dos dois! Nem mesmo naquelas horas!* – Disse Zezinha.

– *Vai levar um jumento para a cama?* – Perguntou Sinout – *Só um jumento consegue saciar os desejos de uma vadia.*

– *A certeza que eu tenho de não precisar levar um jumento para minha cama é a mesma certeza que tenho de que na cama de vocês não deitará outra pessoa, pois um vai...*

Caros leitores, neste momento interrompo a leitura para dizer que nada mais foi dito de relevante. Essas discussões de casais são muito íntimas. Não vale a pena reproduzi-las aqui. Palavras loucas são ditas e depois esquecidas, se ditas entre quatro paredes. Se estranhos escutarem, aí fica muito difícil de serem perdidas no tempo. Contarei uma história verídica que aconteceu em um dos bairros de Olinda/PE para ilustrar o que acabei de dizer. Um casal brigava muito, quase que diariamente e, na

maioria das vezes, essas brigas chegavam até a rua onde eles moravam. O marido já estava acostumado, segundo a opinião dos vizinhos, a ganhar todas as brigas, pois era mais escolado na arte do palavreado chulo. A mulher era mais recatada e, quase sempre, recuava e encerrava a briga entrando na sua casa e batendo à porta com violência. Era nesse momento que os ouvintes se manifestavam com gritos e vaias. O marido sorridente colhia os louros da vitória. Ocorre que certa tarde de verão, encerrando uma briga, a mulher gritou uma frase que pôs fim à contenda. Essa frase teve o poder destrutivo de uma bomba atômica sobre o marido atordoado e a vizinhança atônita. Nesse dia ninguém gritou, nem vaiou. O que aconteceu foi o seguinte: quando estava perdendo a luta, a mulher disse em voz alta a seguinte frase que fez com que a luta verbal terminasse com o placar unanimemente a seu favor. E tem mais. A frase foi tão devastadora que o casal precisou se mudar do bairro três dias depois. Serei fiel na escrita. Reproduzirei a frase exatamente como foi dita:

– *E tu, que para gozar eu tenho que enfiar dois dedos no teu ...!*

Com essa, voltemos aos nossos personagens.

A discussão dos três durou uns cinco minutos e só parou quando Sinout gritou com os dois:

– *Calem essa boca ou eu abandono os dois aqui mesmo! Zezinha, pegue sua chave e vá para seu quarto, agora! Nica, pegue sua chave e vá também para o seu quarto! Eu ficarei sozinho!*

Calados, Nica e Zezinha obedeceram.

Na primeira noite, Sinout reclamou com o dono da pensão por causa do forte fedor e ele respondeu que próximo ao quintal da edificação se encontrava uma estação de tratamento de esgoto. Restava aos hóspedes terem um pouco de calma, pois os ventos mudariam de direção e logo, logo ninguém sentiria mais nenhum mau cheiro.

Por volta de uma hora da madrugada do terceiro dia de estada na pensão, Zezinha descia sozinha uma longa escadaria circular sem fim iluminada por uma luz vermelha. Não se podia ver o final da escada, tamanha era a escuridão do local. Do seu lado esquerdo havia um corrimão; do lado direito, uma parede de pedras e sua sombra refletida nela. Seus cabelos compridos estavam azuis e brilhavam como se uma luz de mesma cor os focasse. Estava maquiada e exuberantemente linda. Era uma maquiagem perfeita que revelava, além da beleza, a sensualidade que outrora estava oculta como se um véu de beata a cobrisse o tempo inteiro,

embora fosse evangélica. Um macacão de couro que ia até o meio das coxas, negro e brilhante, colado ao corpo o desenhava perfeitamente. Botas com salto alto, bico fino, com um cano que ia até os joelhos cobriam, ao mesmo tempo em que realçavam, as belas pernas da moça. Quanto mais descia, mais ela sentia uma estranha excitação por não saber o que a aguardava no final daquela escada. De vez em quando ela parava para tentar identificar a origem de sussurros e gemidos que ouvia. Acordou assustada e bastante suada. Tomou um copo d'água, abriu a janela do quarto e voltou para cama. Tentou entender o que se passava naquele momento, mas o sono veio. Estando na fronteira entre estar acordada e estar dormindo achou que talvez tivesse aberto os olhos para ver, na penumbra do quarto, uma mulher loira, bonita e sensual que usava a mesma roupa que ela usava no sonho. O olhar sério e penetrante da mulher parecia fazer mil perguntas. Como num pesadelo, Zezinha foi recuando, deslizando entre os lençóis até se encolher no canto da cama e se cobrir por inteira. A mulher foi até a porta e a abriu, olhou para trás, deu um sorrisinho cínico e saiu sem nada dizer. Alguns segundos depois Zezinha saltou da cama e não viu ninguém. Foi até a porta e verificou que a mesma estava trancada e com a chave pendurada do lado de dentro. “*É impossível alguém ter entrado aqui*” – Pensou ela. Dirigindo-se até a cama, voltou a dormir.

Capítulo VII – Maria Padilha

Pela terceira manhã seguida, Sinout foi acordar o padre para ouvir dele uma resposta definitiva, mas foi informado que o mesmo se encontrava hospedado na casa de Sua Eminência, o cardeal Caboverde, em Recife. Voltou à pensão, contou seus trocados e disse a Nica que só tinha dinheiro para uma semana, mas que antes disso esperava resolver seu assunto com o padre ou com o diabo.

Quando chegou a noite, da varanda dos fundos da pensão que dava para o lago lodoso e fétido da estação de tratamento de esgoto, ele viu a mesma mulher que supostamente esteve no quarto de Zezinha. Era uma loira bonita cuja aparência lembrava a Marilyn Monroe. Seus olhares se cruzaram por alguns segundos e Sinout só saiu do transe quando o vento mudou de direção trazendo, do local onde se encontrava a loira, os odores putrefatos dos dejetos da estação de tratamento.

Tapando o nariz, Nica surgiu na varanda lembrando ao amigo que estava na hora de irem ao terreiro de Dona Nenzinha para a primeira tentativa de contato com o satanás ou com algum secretário dele. Ao desviar o olhar por alguns instantes para falar com Nica, Sinout perdeu de vista a loira e quando voltou seu olhar para o local onde a bela se encontrava percebeu que a havia perdido. Zezinha, que presenciara a cena dos olhares de Sinout e da bela loira, tentou sem sucesso chamar a atenção da mulher com um aceno de mão. Tendo percebido ou não, a loira se retirou do local. Assim, Zezinha se aproximou dos dois amigos e disse:

– *Acho que, ao menos em sonho, ela esteve no meu quarto hoje de manhã. Vi seus olhos me espiando. Quase morri de medo.*

Nica se interessou pela história e perguntou:

– *Peraí! Você viu os olhos dela ou, por estar sonhando, se enganou? Ela esteve ou não esteve em seu quarto?*

– *Acho que sonhei.*

Sinout não deu ouvidos à mulher. Ainda bastante magoado, agia friamente com ela. Ele se levantou, caminhou em direção à saída da pensão e foi seguido por Nica.

No terreiro de umbanda, conversou com a mãe de santo que o desaconselhou a prosseguir na sua jornada por dois motivos óbvios.

Segundo ela, um dos motivos é que o povo do “bem” jamais aceitaria que deus perdoasse o demônio. Havia nesse povo, segundo ela, um gosto exacerbado pela intolerância secular entranhada no DNA de tal forma que se o Supremo Ser ousasse conceder o benefício do perdão ao diabo, eles não só o crucificariam de novo como o esquartejariam e o dariam como alimento para os cães.

– *A soberba, meu filho, os faz achar que levitam entre os mortais* – Disse Dona Nenzinha – *e por um momento acreditar que não excretam material fecal como os infames pecadores.*

O segundo motivo é que a existência de um deus salvador pressupõe a existência da necessidade de alguém ser salvo. Salvo de quê? Salvo de quem? Salvo para quê? Salvo por quê? Se o demônio não existisse, o mal não existiria. Assim, quem precisaria de salvação? Logo, sempre terá que existir o demônio e consequentemente, o “mal”. Conclui-se daí, que é impossível se obter o perdão do demônio.

Dona Nenzinha parou um pouco e ficou pensativa para em seguida perguntar:

– *Quem criou o mal, criou para quê? Por que algo inteligente criaria o mal para depois salvar as pessoas desse mal que criou? Seria por puro sadismo? Seria deus um arrogante ser carente de atenção, cuidados, afeto e amor? Ele assustaria as pessoas através do medo do inferno para obter adoração? Ele criaria o mal por pura vaidade?*

– *Não sei responder.* – Disse Sinout.

– *Digamos que o diabo fosse perdoado e ele resolvesse servir a deus. Livrando as pessoas do mal elas optariam por amar a deus? Uns sim, certamente; outros não. O que ele faria com os que livremente optaram por não o amar? Você sabe responder isso?*

– *Não.* – Respondeu Sinout.

– *Com que finalidade o mal existe?*

– *Não sei, mas que ele existe, ele existe* – Disse Sinout.

– *Pare sua busca, menino. Você não vai gostar do que vai encontrar.*

Sinout não deu ouvidos a ela e permaneceu ali até o fim da reunião quando foi recebido por Maria Padilha que há poucos minutos supostamente havia entrado^[40] no corpo de Dona Nenzinha.

– *O que você procura, meu filho?* – Perguntou ela.

– *Paz e fartura. Paz na Terra, no céu e no inferno!*

Maria Padilha, serena como sempre, pediu para ele desistir, pois, segundo ela, a paz nunca encontrará guarida neste mundo de necessidades. E a fartura não será possível enquanto os homens se reproduzirem feito ratos devastando a Terra, aumentando ainda mais suas necessidades. Nada será suficiente com esse crescimento populacional desordenado aliado ao desejo desenfreado de consumir. A Terra será pequena demais para tanta gente. É uma questão de simples lógica. Se um hectare de terra só pode produzir o suficiente para alimentar cem pessoas, duzentas pessoas vão precisar de dois hectares, logo, essas pessoas precisarão ocupar, além de seu território, o território de alguém. Mas se esse “alguém” também precisa, além do seu território, de um pouco mais de espaço para o cultivo e alimentação do seu povo, teremos necessariamente um conflito iminente. Se o planeta Terra só pode alimentar um número “X” de pessoas, “2X” de pessoas necessitam de dois planetas Terra e isso, no momento, não se pode ter.

– *O fato, meu amigo, é que,* – Concluiu Maria Padilha – *todos os dias uma população humana precisa devorar a Terra feito uma praga de gafanhotos numa plantação e isso um dia não mais será possível.*

Ainda, segundo ela, “o homem nunca buscou, não busca nem buscará a paz coletiva que tanto pregam os sonhadores. O que o homem sempre quis foi o privilégio da segurança física, seu bem-estar e o distanciamento do “mal” como se essas coisas pudessem conviver em harmonia. Isso é um contrassenso pois só a busca pela segurança e bem-estar coletivo distancia o homem do suposto “mal”. É justamente o somatório das buscas de bilhões de almas por privilégios individuais, por viverem e se perpetuarem, com satisfação dos desejos consumistas, que culmina com o que se chama de “mal”.

– *É preciso reconhecer* – Acrescentou Maria Padilha – *Foi à sombra do suposto “mal” que a sociedade moderna prosperou. Extinga-se esse “mal” e extinta estará a sociedade. Mas o que é esse “mal”?*

– *Não sei responder isso, senhora.*

– *Quatro fatores dão origem a isso que vocês chamam de “mal”: a busca desenfreada de qualquer criatura viva pela sobrevivência e manutenção de sua espécie neste mundo; o desejo de transmitir seus genes, criando descendentes; as doenças^[41] e, por último, as causas naturais. Retirem isso de vocês e extinto estará o mal. E não há que se falar de abstrações como amor, verdade, solidariedade, virtude, ética, etc. Isso são*

coisas acessórias que contribuem para manutenção da vida. E são o resultado material de reações químicas no corpo com o intuito de fazer a criatura sobreviver e eternizar-se através de seus descendentes. E o que significa sobreviver no atual estágio de evolução humana?

– Prefiro que a senhora mesma responda.

– Sobreviver significa conviver politicamente em grupo, avaliando perdas e ganhos num cálculo mental, buscando segurança para acumular riquezas que garantam boa perspectiva de continuar vivendo hoje e amanhã a salvo das tragédias naturais; transmitir seus genes implica no racional uso do cálculo mental no grupo, livrando-se das tragédias naturais, para obtenção de bens com o fim de conquistar o sexo oposto para gerar descendentes; quanto às doenças, elas podem causar perturbações no organismo que podem causar desequilíbrio no cálculo mental quando potencializam os desejos, perturbam o discernimento e levam pessoas a cometerem atos insanos na busca pela obtenção de riquezas, sobrevivência e transmissão de genes; as causas naturais são raios, tempestades, etc, coisa que o ser humano tem pouco domínio sobre elas. Assim, o mal é a interpretação humana de tudo que pode impedi-lo de viver com saúde física e mental neste mundo e perpetuar sua espécie. O mal (pura interpretação humana) surge do simples fato de o homem respirar, pensar e se deslocar no tempo.

– E as chuvas? – Perguntou Sinout denunciando sua total ignorância.

– Oh, pessoa de mente fraca! Você quer saber de chuva num momento de inspiração como este? Não percebe que estou tentando travar um diálogo altamente filosófico para no final defender a tese de que o mal, derivado de alguma coisa sobrenatural, não existe? Não percebe que quero provar que os humanos agem exatamente como qualquer animal? Se o “mal” não existe nas relações entre os animais ditos “irracionais”, porque existiria entre os humanos?

– É que as chuvas me interessam mais. – Disse Sinout.

– Elas são um fenômeno climático natural. Todo ano cai a mesma quantidade de chuva no mundo. Se não caiu em suas terras, caiu no mar ou nas terras de outras pessoas.

– Eu...

– Vá para casa. – Interrompeu Maria Padilha.

– Eu quero falar com o diabo!

Nesse momento os tambores se agitaram e o ritmo acelerou. Maria Padilha olhou fixamente para Sinout, deu uma gargalhada e correu para o meio do salão. Dançou como nunca, girou aceleradamente como um pião e caiu no chão. A filosofia caía com ela, perdia ali a razão de ser, pisada e repisada ao som dos batuques dos tambores e partindo dali numa velocidade estonteante pelo vazio da noite: Maria Padilha se foi.

Capítulo VIII – Ovos mexidos

No vilarejo dos Prazeres da Santa Virgem, mais precisamente em um dos quartos do sítio do *Pastor Sêmen de Deus*, a cena que se podiam ver era de fazer inveja aos melhores diretores de filme pornô sadomasoquista: o *Pastor Gala Divina* estava nu e sorridente, deitado de barriga para cima com os dois braços abertos e amarrados às extremidades da cabeceira da cama. Uma das pernas estava amarrada em um dos extremos dos pés da cama e sua bela esposa, fantasiada de dançarina de kankan, terminando de amarrar a outra perna. Terminada a tarefa de imobilizar o marido, ela se dirigiu a um canto do quarto e, com uma capa preta, cobriu seu belo corpo. Em seguida subiu na cama rastejando feito uma gata no cio e quando seu rosto ficou frente a frente com o dele, disse:

– *Tenho duas surpresas para você, meu amor.*

Ela se ergueu e, de pé em cima da cama, abriu uma das abas da capa e tirou a calcinha que propositadamente Zezinha tinha deixado em baixo daquela mesma cama.

– *Essa calcinha é de uma das suas putas favoritas, não é?*

O fogo do pastor apagou imediatamente e o instrumento que depositava a semente de deus no colo uterino das fiéis saiu do ângulo de noventa graus, atingindo a posição zero numa velocidade que se assemelhava à do som. Um suor frio banhava seu rosto ao mesmo tempo em que, em vão, ele tentava se livrar das cordas que o prendiam.

– Agora vamos à segunda surpresa, meu amor: aquela que vai fazer você voltar ao caminho certo que leva todo pecador arrependido a se encontrar com o soberano ser celestial. A semente de deus não voltará a ser plantada.

Ela abriu a outra aba da capa e retirou um porrete de madeira. Não gosto de descrever violência, por isso direi apenas que o porrete foi usado para amassar, quebrar, arrebentar, socar e tornar inúteis pelo resto da vida os ovos do pastor. Depois disso, o sêmen divino nunca mais foi depositado numa fiel e, dizem as más línguas, que o pastor passou a pregar o celibato em sua igreja a todos que almejavam seu posto. Sua esposa, em vez de encontrar calcinhas passou a achar cuecas embaixo da mesma cama. A nova tese do pastor era a de que um verdadeiro milagre estava prestes a acontecer: um homem daria à luz ao salvador. Algum fiel deseja ser o pai?

Capítulo IX – A Santa Impura

Na pensão, em seu quarto, Zezinha recebia novamente a visita da loira. Desta vez não era sonho. Depois de duas batidas na porta, ela a abriu e viu a figura de beleza alucinante. Zezinha ficou paralisada na hora com o olhar de encantamento de serpente da moça. Sem palavras, sem arrodeio, sem pedir licença a loira tocou o rosto dela e enfiou os dedos nos cabelos, massageando seu couro cabeludo com as unhas compridas. Seduzida, Zezinha sentiu seu corpo estremecer quando a loira o acariciou. Sem ter tido tempo de pensar sobre aquele momento inédito em sua vida, pois nunca outra fêmea havia chegado tão perto dela e de maneira tão sensual, ela simplesmente, consciente ou inconscientemente, se deixou levar, como se estivesse hipnotizada, para a pira de fogo do diabo. Sem dizer uma só palavra a loira pegou sua mão e a levou para a cama. Um fogo infernal, abrasador e luxurioso tomou conta das duas que se perderam por horas entre beijos, carícias e muito desejo. Naquele momento, os valores éticos e morais também se perderam na atmosfera densa dos vapores

perfumados exalados dos poros das duas fêmeas. Elas dormiram agarradas entre lençóis e na madrugada a sedutora se levantou, vestiu-se, abriu a porta e saiu. Zezinha também se levantou, vestiu uma camisola transparente que deixava ver todas as curvas do seu corpo nu e seguiu a loira. No final de um corredor escuro da pensão ela viu a outra abrir uma pequena passagem secreta na parede. Seguindo sua amante, ela fez o mesmo abrindo a pequena passagem e viu uma escadaria sombria igual à do seu sonho. Sentiu um friozinho na barriga seguido por um tremor no corpo, mas não desistiu. Foi descendo, apreensiva, degrau por degrau de uma escada quase infinita. Após meia hora de descida olhou para cima e percebeu nitidamente que a escada fazia curvas e quando estava disposta a voltar, viu uma porta de madeira. Ao empurrar a porta sentiu-se atraída por odores inconfundíveis. O ambiente transpirava sexo. Ao entrar, percebeu que corpos macios e sem pelos roçavam o seu; mãos e bocas que apareciam de todas as direções preenchiam seu corpo com carícias e beijos. Abraçada, como se fosse o recheio de um sanduíche, ela teve seu corpo desnudado e sua boca preenchida por dezenas de outras bocas desconhecidas. Lábios, que exalavam um cheiro fresco de hortelã, e línguas mornas percorreram todo o seu corpo. Entre murmúrios, gemidos e gritos de prazer, ela, extenuada, desfaleceu e foi abraçada por dezenas de corpos que, um a um, iam sendo tomados por espasmos de prazer.

Zezinha, exausta e embriagada pelos prazeres da orgia, trazida ao seu quarto naquela mesma madrugada, a poucas horas do nascer do sol, nos braços de sete lindas ninfas, acordou ao meio dia em sua cama. Há muito tempo não sentia o prazer de espreguiçar-se até ouvir o estalar das juntas. Ela se levantou cambaleando e sentindo uma fraqueza corporal que a tornava preguiçosa. Tomou um banho demorado, enxugou o belo corpo e, ao se olhar no espelho, percebeu que os lisos cabelos estavam naturalmente cacheados: ela havia esquecido a chapinha no vilarejo. Zezinha nunca teve cabelos lisos. Ela os alisava para que ficassem iguais aos da maioria das religiosas de sua comunidade. Mas, agora, longe da maldita chapinha, Zezinha se livrava daquele aspecto Mona Lisa das protestantes de seu vilarejo para adquirir a aparência de mulher fatal, sedutora, destruidora de lares, fina flor do pecado: morena satanás. De volta à cama, um café da manhã completo a esperava com um ramallete de rosas vermelhas. Duas ninfas loiras e seminuas de olhos azuis estavam presentes para servi-la com pequenas porções deliciosas de alimentos saudáveis e de alto teor

energético. Zezinha até pensou em perguntar quem eram aquelas meninas e que lugar foi aquele em que ela esteve na noite passada, mas uma delas fez sinal de silêncio, acariciou seu rosto e em seguida as duas ninfas saíram do quarto e pegaram o corredor para acessar a passagem secreta.

Chegada a hora do almoço, Zezinha desceu até o salão da pensão e acompanhou, sem tocar em alimentos, Nica e Sinout. Era impossível, para os dois amigos, não perceber a cara de satisfação da moça. Era uma felicidade sem disfarce incrustada num rosto corado e iluminado por um discreto sorriso.

– *Se eu não falar com esse padre hoje, não falarei nunca mais.*

– Disse Sinout – *Arrumaremos nossas malas e partiremos amanhã.*

As palavras do marido tocaram Zezinha de tal modo que operaram naquele instante uma transformação: de mulher de olhar tímido, mas sem ser submisso, sem outro desejo que não fosse sexo, sem orgulho nem vaidades, Zezinha se transformou em mulher poderosa. Ela olhou para Sinout e disse:

– *Daqui, só sairemos quando você resolver suas pendências.*

– *Quem vai pagar as nossas despesas?* – Perguntou Nica.

– *Deixe isso comigo* – Respondeu Zezinha – *Eu resolvo.*

– *Como?*

– *Eu dou um jeito.*

Dizendo isso, ela se levantou e saiu.

– *Vai virar puta! E nós, gigolôs.* – Disse Sinout sem acreditar que Zezinha pudesse ouvi-lo. Ela olhou para trás e respondeu:

– *Putá, eu já sou há muito tempo!*

Quinze dias se passaram e nada de Sinout conseguir falar com o padre. Ainda que eles assistissem à missa até o fim, o padre sempre arranjava um jeito de se livrar dos dois inventando todo tipo de desculpa. Enquanto isso, os encontros prazerosos de Zezinha estavam se tornando um vício insaciável. Isso foi consumindo sua reserva de gordura dos braços, pernas, barriga, peitos e bunda fazendo o mesmo efeito de uma lipoaspiração. Nunca uma academia de ginástica fez tanto bem a alguém como as noites de orgias fizeram a Zezinha. O curioso era que após levantar-se da cama, ela sempre estava bem-disposta e com as energias renovadas. Eu ia esquecendo de contar um detalhe: Sinout, Nica e Zezinha não conseguiram ficar longe do pecado por muito tempo. Eles juntaram novamente as camas e economizaram o pagamento de dois quartos: o amor

devasso tinha retornado com maior fúria.

Com tanta formosura, o que fazia os homens excretarem testosterona pura ao simples olhar de Zezinha, a morena passou a atrair clientes para a pensão em número superior à lotação do estabelecimento. Com medo de que ela partisse dali, o dono da pensão a contratou e também os seus maridos para prestarem serviços de recepção e manutenção das instalações.

Zezinha, vivendo a vida de crente desviada, ovelha desgarrada, passeava entre os clientes da pensão, o dia inteiro, com um shortinho apertado de lycra e uma blusinha de algodão, sem sutiã por baixo, deixando o umbigo a amostra, fato que fez o dono da pensão multiplicar os banheiros devido ao surto de incontinência urinária dos hóspedes. Sempre sorrindo, ela dava atenção a todos. Teve um andarilho que afirmou que foi curado das dores renais só pelo fato de Zezinha ter tocado em sua cintura dolorida. Outro, que sofria de impotência, após se concentrar e direcionar seus pensamentos aos glúteos da menina, foi capaz de manter relações sexuais com sua esposa três vezes ao dia, todos os dias da semana. Mas o maior feito de Zezinha aconteceu quando o único homossexual assumido da cidade, Expedito de Jesus da Luz, cujo nome de guerra era Boneca Bety Cabethy, por acidente, tropeçou e deu de cara com os peitos da moça. Os dois foram ao chão e os botões da blusa dela se arreventaram. Ao sentir aquelas almofadas em seu rosto, a Boneca Bety Cabethy experimentou a única sensação que nunca tivera em toda sua vida: a de ser amamentada por tetas de verdade. Bety fora rejeitada pela mãe ao nascer, por isso só fora amamentada através de mamadeiras de borracha. Daí surgiu a paixão desenfreada por borrachas. Na escola costumava cheirar, lambear, chupar e morder as borrachas dos lápis de grafite. Em casa costumava colecionar embaixo da mesa de jantar inúmeras borrachas de chicletes mastigados e na hora de levar uma surra por causa das trelas que fazia, preferia ser castigada por meio de um chicote de borracha. E foi assim, segurando, apalpando, mordiscando, flexionando borrachas e levando sova de borracha que certa vez sua mãe de criação percebeu um objeto cilíndrico emborrachado na cabeceira da cama de Cabethy. Questionada, afirmou que se tratava de um míni obelisco grego. Tal objeto trazia sorte aos sagitarianos que, como ele, tinham nascido no segundo decanato. Assim, ao se deparar com os melões de Zezinha, Bety fez uma cara de bebê chorão e a moça o acolheu no colo e o amamentou por mais ou menos dez minutos como se o fizesse ao filho

que nunca tivera. Ao perceber que ele havia adormecido, tirou o peito de sua boca, substituindo pelo dedo polegar dele, e o deixou dormindo a um canto. Milagrosamente, a Boneca Bety Cabethy acordou transformada e desde aquele dia nunca mais se agarrou com outro homem nem quis mais saber de borracha. Tinha surgido ali, das tetas milagrosas de Zezinha, um ex-gay. Expedito de Jesus da Luz reassumiu seu verdadeiro nome, abandonou o vício das borrachas, casou-se com “*Helena peito de vaca*” e teve dez filhos. Ninguém na cidade duvidava que tinha sido mesmo o poder transformador de Zezinha que havia operado um milagre em Expedito. Surgia assim a primeira santa viva, protestante e, segundo às más línguas, puta. Sua fama ganhou as ruas de Serra Talhada e isso chegou aos ouvidos do padre.

– *O quê?* – Exclamou o líder espiritual – *Quem já viu uma santa evangélica e, ainda por cima, viva? Santos só existem no catolicismo!*

Dona Mocinha respondeu:

– *Pois é isso que todos andam dizendo por aí: ela tem o poder de curar todas as doenças dos homens que chegam à pensão de Deodato.*

– *Então diga a Deodato que se não pararem com essa blasfêmia excomungarei todos eles.*

– *Dizer de novo? Já disse mil vezes. Ninguém está nem aí para as suas ameaças. Acho melhor o senhor atender aos pedidos de audiências feitos pelos maridos dela.*

– *Nunca! Nunca darei ouvidos a uns lunáticos como aqueles! Você disse que ela tem dois maridos? Então só pode ser uma vaca, uma cachorra! Como pode ser santa uma desgraçada dessa? Vá enrolando esses doidos! Logo, logo eles desistirão.*

– *O senhor é quem manda. Neste momento eles estão lá fora. O pequeno está acompanhado daquele outro grandalhão. Vou dizer que o senhor está doente.*

– *Diga qualquer coisa! Vá, ande logo! Despache-os! E quanto a essa história de santa, convoque suas amigas e espalhe o boato de que essa Zezinha é puta! Quero só ver se o povo vai querer ser devoto de uma quenga!*

– *Padre, agora me veio uma curiosidade. Diga-me, existe santa puta?*

– *Só se for a tua mãe, aquela rapariga! Agora vá! Suma da minha frente!*

Capítulo X – O Inferno Como Dante Nunca Imaginou

No trigésimo dia de espera, Sinout avisou a Zezinha que não poderia esperar mais:

– *Prepare as malas. Eu desisto desse padre. Vamos embora amanhã.*

– *Hoje eu vou com você procurar esse padre escorregadio. Pode acreditar, vou encontrá-lo no inferno, se for preciso. Isso não passa de hoje. Quanto ao retorno para casa, ainda vou pensar sobre isso.*

Chegando à igreja, às três da tarde, ouviram a mesma conversa de sempre: “*Ele foi visitar o Cardeal Caboverde*”. Zezinha olhou para Nica e disse:

– *Só se for o cardeal do cabo verde, do pau verde ou do cabo grande. Chute aquela porta da casa paroquial até abri-la.*

Sinout ainda tentou impedir a invasão de propriedade, mas foi tarde. Com um golpe, Nica pôs a porta abaixo revelando segredos inimagináveis. A pobre beata, portadora das notícias de ausência do padre, desmaiou ao vê-lo de joelhos tendo diante de si o sacristão. Este, em pé, olhava para cima como se rezasse pedindo misericórdia ao senhor pelas almas sofredoras dos efeminados. Atrás do padre havia uma grande cruz de madeira cujos braços serviam de apoio para as mãos do sacristão. O padre estava em posição de submissão, entre a cruz e a espada. Como a autoridade celestial ali não era o sacristão, esperava-se o contrário. Mas quem poderá saber o que se passa na cabeça dos humildes servos de deus? Quem saberá entender das coisas da divina providência?

– *Padre, meus maridos querem dar uma palavrinha com o senhor. E tem que ser agora! Componha-se. Levante-se daí, lave essa boca e venha conversar!*

Alguns minutos depois eles estavam ouvindo o padre:

– *Meus filhos, essa ideia é inaceitável! Nunca ouvi ninguém dizer que tal coisa fosse digna de uma apreciação divina! Deus não pode perdoar o diabo! Se isso acontecesse, nada mais faria sentido!*

– *Padre, acho que o senhor não está em condições de avaliar as coisas quanto a dignidade ou indignidade nem se isso faz sentido ou não. Neste caso, eu quero ouvir isso de deus.* – Disse Sinout.

– *Então vá a Roma falar com o papa, pois nem o bispo consegue dialogar com deus.*

– *O senhor não fala com deus?* – Perguntou Sinout.

– *Claro que não! Nem eu nem ninguém fala com deus!*

– *E como é que a gente pede chuva?*

– *A gente reza, meu filho!*

– *E ele escuta?*

– *Quer saber, eu não sei se ele escuta. Mas a gente não desiste nunca de pedir em oração as coisas boas.*

– *Quer dizer que é só isso? Eu peço sem saber se sou ouvido, sem saber se serei atendido?*

– *É isso, meu filho. É assim que as coisas funcionam. Isso é fé. Apenas fé.*

– *Tudo se resume a um monólogo? Esses milhares de anos de histórias religiosas se referem a monólogos? Eu pensei que o senhor pudesse permitir uma conversa com deus e...*

– *Eu sinto muito, mas... Eu... Eu não posso ajudá-los!*

Deus estava mais distante do que imaginava Sinout. Tão distante e tão inacessível que somente a comprovação de que sofria do mal da “*Dissonância Cognitiva*” de Festinger^[42] seria capaz de fornecer elementos esclarecedores para a confusão que se estabelecia na cabeça dele, uma vez que, com a falta de evidências, concluiu por diversas vezes que nem mesmo possuía uma alma e que deus não passava de uma ficção. Essa ideia não demorava muito em sua cabeça, pois ele mesmo a rechaçava com o uso recorrente de velhos clichês para justificar a existência de deus e dizer a todo mundo que sua fé era inabalável: “*Falta-me merecimento; não sou digno de que entreis em minha morada; não rezei o bastante; só o sacrifício me tornará merecedor da graça de deus*” – Dizia Sinout para justificar seus pedidos ignorados por deus.

– *Irei a Roma!* – Disse Sinout perturbado com a revelação do padre – *Irei a Roma de joelhos ou terei que cavar a Terra até chegar ao magma buscando encontrar o inferno com seus moradores e assim, forçar o diabo a me fornecer respostas!*

De volta à pensão, sentados à mesa da varanda, apreciando a

noite estrelada, parecia que cada um, mergulhado em pensamentos, procurava uma solução para o impasse. Sinout falou:

– *Vocês não precisam passar por isso. Voltem para casa. Só a penitência fará com que eu me encontre com deus. Mas esse sacrifício será só meu.*

– *Romae aeternam! Scriptum est! Eu sempre quis conhecer Roma.* – Disse Nica.

– *Por que você insiste em seguir minhas loucas ideias?*

– *Porque somos uma família.*

– *Antes de irmos a Roma, vou levar vocês a um lugar que conheci. Venham comigo.* – Disse Zezinha.

Ela se levantou, seguiu em direção ao sombrio corredor da pensão e diante da passagem secreta ela estremeceu, mas abriu e entrou pela abertura. Apreensivos, os dois a seguiram pela interminável escadaria. A escuridão abissal ia se abrindo como se uma luz os acompanhasse. Ela achou estranho não ouvir os gritos de gozos, sussurros e gemidos que interrompiam o silêncio daquele lugar sempre que ela entrava. Um vento frio trazendo um delicado cheiro de alfazema tornava o lugar mais agradável e fresco. Diante da porta de madeira, Zezinha parou e pediu para eles esperarem ali. Só ela deveria entrar. Uma luz branca, em vez da vermelha que ela estava acostumada a ver, iluminava o local por onde ela passava. “*Onde estavam as dezenas de corpos femininos que se acariciavam e se esfregavam numa dança erótica?*” – Pensou ela – “*E os cheiros de suor e sexo?*”

Logo atrás dela, desobedecendo sua ordem de não entrar, Nica e Sinout vinham deslumbrados. Foi a loira misteriosa que, sorrindo e abrindo os braços, recepcionou-os dizendo:

– *O que fazem aqui, adoráveis visitantes?*

– *Desculpe-me!* – Interveio Zezinha – *Eles não têm culpa. Eu os trouxe até aqui!*

– *Não precisa se desculpar, minha querida! Sejam bem-vindos. Queiram me acompanhar. Vou mostrar-lhes um pouco deste lugar.*

Boquiabertos, Sinout e Nica não tiravam os olhos da magnífica figura feminina vestida de sedução: um blazer de cor bege clara que caía bem nas curvas de sua cintura e uma calça comprida apertada que ia até o meio das panturrilhas, da mesma cor do blazer, e que contornava o quadril e as coxas, desenhando-os. Uma minúscula blusa de seda branca cobria o belo

par de seios, mas deixava a amostra o delicado umbigo. Uma bota de bico fino, cano longo e salto alto completava o traje da moça.

Eles foram levados para um luxuoso salão cujas paredes eram forradas com mármore branco onde cortinas e tapetes brancos transpiravam paz e prosperidade. Flores naturais de um amarelo pálido adornavam e perfumavam o ambiente. Almofadas brancas num chão espelhado, de mármore cor de rosa, revelavam a riqueza do lugar. Candelabros de ouro repletos de lâmpadas elétricas de luz branca clareavam o local.

– *O que procuram?* – Perguntou a loira.

– *Procuro deus ou o diabo. Quem aparecer primeiro* – Respondeu Sinout.

– *Para quê?* – Perguntou a loira enquanto servia uma bebida quente aos três.

– *Para, em nome do meu bom deus e pelo amor do piedoso deus, propor um acordo.*

– *Sobre o quê?*

– *Sobre o perdão de deus ao satanás.*

A loira se sentou entre as confortáveis almofadas e pediu que eles fizessem o mesmo. Após Sinout expor os exatos termos do acordo, a loira disse que eram bastante justos, lamentou não poder ajudar e desejou sorte a ele.

– *Eu tenho uma dívida.* – Disse Sinout.

– *Fique à vontade. Se eu puder ajudar a tirar essa dívida, pode crer que o farei.* – Respondeu ela.

– *O que significa tudo isso aqui? Como é possível um lugar como este aqui em pleno Sertão?*

– *Ouro. Ouro se transforma em dinheiro. E dinheiro compra tudo isso.* – Respondeu ela – *Venham, vou lhes mostrar o restante dos ambientes deste lugar.*

Após descerem uma escadaria de mais de cem metros, eles chegaram a um lugar que mais parecia o paraíso. Diante de uma enorme mesa de mármore eles se sentaram e um jantar foi servido. Terminado o jantar, uma grande porta foi aberta e a luz que vinha da abertura era tão forte que incomodava os olhos. Era a luz do dia em plena noite. Aos poucos eles foram se acostumando, atravessaram a porta e andaram por um bosque cheio de flores e plantas diversas. Ao final da caminhada, chegaram a uma fonte de águas cristalinas que escorriam das frestas de uma parede rochosa e

acabavam, por fim, caindo em uma imensa piscina. Ao transbordarem, as águas da piscina se perdiam entre canais esculpido nas rochas. Os pilotes daquele lugar eram formados por colunas de rocha bruta de mais de três metros de diâmetro e pelo menos cem metros de altura. No centro do teto daquele lugar estava radiante e majestoso um sol artificial o qual trazia a luz tão necessária à fotossíntese das plantas. Centenas de pássaros silvestres cantavam e se aninhavam entre os galhos dessas plantas. Ao final do passeio, entraram numa pequena gruta e de lá um elevador os esperava. Entraram e iniciaram uma lenta subida de mais de quinhentos metros de altura. Como era um elevador panorâmico, enquanto subiam eles apreciavam esculturas e desenhos nas paredes que mostravam toda a trajetória da vida na Terra desde os primeiros compostos de carbono até a célula viva; desde a célula até o homem moderno. De vez em quando avistavam veios de ouro, prata e pedras preciosas encrustados na parede rochosa. Quando chegaram à superfície uma pequena porta se abriu e os deslumbrados visitantes perceberam que ainda era noite e estavam em uma casa simples, de mobília discreta e de lá viam o lago lodoso da estação de tratamento de esgoto. A loira os acompanhou até um pequeno portão e se despediu. Os três amantes andaram por um estreito caminho de vegetação rasteira, sempre conversando admirados sobre as maravilhas que acabaram de presenciar, e após algumas dezenas de metros abriram o pequeno portão dos fundos da pensão e entraram. Zezinha parou e disse aos dois maridos que pretendia voltar e descobrir mais coisas sobre a loira. Eles não precisavam esperá-la.

– *Voltaremos ao vilarejo depois de amanhã.* – Disse Sinout – *Você vem conosco?*

– *Você desistiu, Sinout? Desistiu até de ir a Roma?* – Perguntou Zezinha.

– *Desisti e estou com medo de ter desistido até de deus. Não há nada que eu possa fazer para mudar este mundo. Não há deuses neste mundo que possam fazer alguma coisa por nós. Vou para casa e esperar as chuvas. Elas não passam de fenômenos naturais. Sendo assim, minha busca é vã.*

– *Nunca achei que valesse a pena seguir adiante com seu plano.* – Disse Zezinha – *Sempre discordei. Não sei dizer exatamente o porquê dessa minha atitude. Talvez eu estivesse apenas querendo ser contra puramente por pirraça. Mas agora eu acho que compreendi você.*

Dizendo isso os olhos dela brilharam. Ela mordeu o lábio inferior e respirou fundo para conter uma lágrima.

– *Não, não vale a pena.* – Disse Sinout.

– *O que você quer não é muito para um deus: oferecer o perdão ao diabo. Só não entendo por que, passados todos esses anos de desgraças, nem deus nem ninguém nunca pensaram nisso. Eu apoio sua ideia, Sinout.*

– *Obrigado, Zezinha, mas estou ciente da impossibilidade de executá-la. Não devia ter metido vocês nisso.*

– *Como chegou a essa conclusão?*

– *Pensando sobre o que ouvi de Maria Padilha. Talvez ela tenha razão.*

– *Tomara que não. Agora, vão entrando. Depois eu vou. Mas não me esperem esta noite.*

Nica sentiu diferença na voz de Zezinha. Era uma voz mais calma e doce carregada de uma terna tristeza. Eram palavras reticentes, pausadas. Ela quase sussurrava. Pela primeira vez ele sentiu medo de perder aquela mulher e se sentiu como se sentem os maridos titulares quando suas amadas tomam destino ignorado. “*Que bobagem a minha*” – Pensou ele – “*Não se pode perder o que nunca se teve. Zezinha é do mundo. Nunca foi de ninguém. Sempre foi do mundo*”.

Capítulo XI – O Príncipe

De volta a casa, Zezinha encontrou a loira sentada num sofá. Elas se aproximaram e trocaram abraços.

– *Foi um erro trazê-los aqui?* – Perguntou Zezinha.

– *Ninguém errou.* – Respondeu a loira. – *Você não voltou para me dizer isso.*

– *Não. Eu voltei para dizer que eu não posso deixá-los irem sem mim. Nós brigamos muito, mas já não consigo viver sem eles. Na verdade, eu é que maltrato muito aqueles dois. Por mais que as coisas do mundo me seduzam e me dominem, tenho que ser sincera e afirmar com toda a convicção da minha alma: não posso viver sem eles. Eu gosto deles de verdade.*

– *Vai me deixar?*

– *Você não precisa de mim. Eles, sim. Agora responda-me: por que não resolve o problema de Sinout?*

A loira foi até uma pequena adega, pegou um copo e o encheu de vinho. Tomou um gole e se aproximou da moça. Com a unha do dedo indicador, alisou o pescoço dela até levantar um pouco seu queixo com a ponta do dedo. Tocou os lábios de Zezinha, levou seu dedo à boca e o lambeu retirando-o em seguida para colocar na boca de Zezinha. Depois disso falou:

– *Então você acredita que eu posso fazer algo?*

– *Sim. Acredito.*

– *Faço tudo que você me pedir, mas a ideia do seu marido não faz sentido. Não é possível se obter esse tipo de perdão. Além do mais, posso não ser o que você pensa que sou.*

– *Então, se não é o próprio demônio, leve-o até ele.*

– *Acha que posso fazer isso?*

- *Tenho certeza disso.*
- *Hum! Isso está ficando interessante. Em troca...*
- *Em troca você terá a mim.*

Passeando o dedo suavemente pelos lábios de Zezinha ela perguntou:

- *Não a tenho agora e para sempre?*
- *Não duvido que você possa ter meu corpo e minha alma para sempre. Quanto ao meu coração...*

Olhando fixamente nos olhos de Zezinha, a loira acariciou seu rosto. Seduzidas, uma pela outra, elas se beijaram intensamente. Algo estranho acontecia porque Zezinha se sentia embriagada e leve como se flutuasse. Parecia drogada.

- *Por você* – Disse a loira – *pensarei em algo diferente porque a obtenção do perdão de deus é impossível.*

– *Por quê?*

– *Porque não há deuses na Terra. Um homem veio a este planeta e disse claramente: “Meu reino não é deste mundo”. Assim, este mundo pertence a nós. É o nosso reino e todos os humanos estão aqui para nos ajudar a manter o equilíbrio das coisas.*

– *Este é o reino do mal?*

– *Nem existe o “mal” nem o “bem”. Pareço ser má?*

– *Não.*

– *Seu marido deseja algo que ele mesmo não compreende: acabar com o suposto “mal”. Isso significa neutralizar “Intensificadores”. Penso que isso é algo extremamente perigoso.*

– *O que é isso? O que são Intensificadores?*

– *Eles, como o nome já diz, intensificam os desejos e as ambições. Isso pode gerar o egoísmo extremado e a insensatez que levam os humanos a atos extremos de violência e destruição. Resumindo: é aquilo que a superstição humana chama de anjo mau ou vulgarmente “encosto”.*

– *Se eu pedir, fará isso por mim? Você eliminaria os encostos das nossas vidas?*

Dando uma sonora gargalhada a loira disse:

– *Como você é ingênua! Eu não posso fazer isso. Peça-me outra coisa, por favor, meu amor!*

Zezinha se aproximou da loira e a abraçou demoradamente. Em seguida falou:

– *Obrigada pela amizade sincera. Obrigada pela sua dedicação e carinho a mim e aos meus maridos. Enfim, obrigada por tudo. Eu preciso ir agora.*

As paredes do casarão começaram a se mover para trás ampliando o salão. Luzes azuladas se acenderam e o ambiente ficou fresco e perfumado. Uma música começou a tocar e a loira lhe estendeu a mão convidando-a para dançar. Era uma valsa suave. A mais bela valsa que Zezinha havia escutado. Como num conto de fadas as duas deslizaram pelo salão e sorriram de felicidade. Num movimento brusco a loira a fez girar no sentido horário para em seguida largá-la. Outros braços a ampararam antes que a embriagada moça pudesse ir ao chão girando feito um pião. Ela agora estava de rosto colado com o rosto do seu protetor. Nesse momento a música parou. Zezinha pode vê-lo. Era incrível a semelhança com a loira. Como se tivesse feito uso de entorpecentes, com a voz embolada Zezinha falou:

– *Você se transformou em homem?*

– *Eu sou o que você desejar, no momento que desejar.*

Elas ou eles continuaram dançando a noite inteira na companhia de outros casais que foram surgindo na penumbra daquele salão e Zezinha acordou no outro dia numa rica cama, entre lençóis brancos, macios e cheirosos. Ao seu lado repousava, segundo o entendimento de Zezinha, o príncipe do inferno: branco, loiro de olhos verdes e um rosto belo, fino e inequivocamente assemelhado ao da loira. No pensamento de Zezinha só vinha uma conclusão: é ele. É Lúcifer, o Brilhante, o Estrela da Manhã, o mais belo anjo criado por deus, aquele que, segundo Milton, disse que “*é melhor ser senhor no inferno do que servir no paraíso*”^[43].

– *Eu sei quem você é.* – Disse Zezinha.

– *Posso saber quem, para você, sou eu?*

– *Você é aquele que pode acabar de vez com o mal no mundo.*

Olhando nos olhos de Zezinha, sorrindo maliciosamente, disse:

– *Bom, ainda que eu não tenha rabo nem chifres você acredita que posso fazer o que me pede. Tudo bem. Vamos ver até onde você está disposta a ir nessa história. Se você ficar e eu fizer o que me pede consequências haverá. Sendo aquilo que você acha que eu sou, terei que ordenar, paulatinamente, que todos os anjos, ou melhor, “Intensificadores” se recolham ao inferno. É isso que você quer?*

– *Faria isso por mim?*

Ele fez um gesto cínico como se quisesse se divertir com a ingenuidade da moça e disse:

– *Se assim eu fizer, nenhum dos “Intensificadores” ousará atravessar as fronteiras do seu país. Olhe lá o que você está a me pedir! A corja de almas penadas, espíritos errantes, imundos e vagabundos não terá guarida no seio da sua nação. Só os bons, os pacíficos “Intensificadores” permanecerão até certo tempo. Depois disso, vocês seguirão sozinhos seus caminhos neste mundo. Mas nunca se esqueça de que você será minha para sempre. É isso mesmo que você quer?*

O rosto de Zezinha empalideceu e sua garganta secou quando em sua mente vieram as figuras dos seus dois maridos. Ela sabia que tinha que perder algo. “*Tudo na vida tem seu preço*”, pensou ela. Seus olhos começaram a lacrimejar. Uma tristeza se abateu sobre ela e, pela primeira vez em sua vida, ela chorou lembrando dos seus maridos.

– *Se eu ficar e no futuro quiser voltar para minha casa, isso será possível?*

Sorridente, ele disse:

– *Você pode desistir a qualquer momento, afinal, um demônio, segundo seu entendimento, sem rabo e sem chifres não pode ser tão mau. Mas apenas eu tenho a palavra final. Aceitarei ou não sua desistência. A partir do momento que você aceitar meus termos, tudo será feito ao meu modo.*

– *Se eu desistir, tudo volta a ser como era antes?*

– *Tudo passa, tudo muda nas voltas que o mundo dá. Mas das coisas que ele leva, nada volta para o mesmo lugar.*

Dizendo isso ele abriu um sorriso largo e a abraçou.

A noite se aproximava quando ela se preparava para dar um mergulho na piscina com aquele que, segundo ela, era o Príncipe das Trevas. Após o banho, vestiu-se e foi até a pensão se despedir dos maridos, pois estava disposta a aceitar tudo em troca da realização dos desejos de Sinout.

– *Onde você estava?* – Perguntou Sinout ao vê-la chegar – *Esperamos ontem à noite e nada de você aparecer! Procuramos hoje o dia inteiro e nada! Fui até a casa e não encontrei ninguém. Procurei a porta secreta e a encontrei selada. Arrume suas malas. As nossas estão prontas desde o amanhecer do dia!*

– *Eu não vou com vocês.*

– *De novo essa conversa, Zezinha!* – Exclamou Sinout.

Nica não ficou surpreso. Não só porque já estava mais do que acostumado com as idas e vindas da meia-mulher, mas porque estava resignado. Fingiu agir como das outras vezes, como se apenas Sinout fosse o marido dela, e tentou não demonstrar que daquela vez ele tinha dado importância ao fato. Aquela seria a sexta vez que a moça abandonava os dois. Mas parecia que era a última.

– *Desta vez...* – Disse Zezinha com lágrimas escorrendo. Um aperto na garganta a impedia de terminar a frase. Um tremor no corpo a tomou por inteira sendo seguido por uma grande sensação de frio. Nunca seu corpo precisou tanto ser abraçado como naquele momento. Afagada pelos seus maridos, ela pode terminar a frase:

– *Desta vez, acredito que será para sempre!*

Sinout olhou para Nica, fez cara de quem já conhecia aquela história e disse:

– *Esperaremos por você lá no vilarejo. Não demore.*

Aquela noite e até o final do dia seguinte ela passou com os dois maridos e quando anoiteceu, pegou o corredor da pensão, acessou a porta secreta e foi se entregar de corpo e alma, a quem ela acreditava ser o Príncipe das Trevas, com a esperança de estar fazendo o melhor para a humanidade. Pensando sobre isso, com os olhos cheios d'água, ela sorriu tristemente, pois um pensamento herético rodeava sua cabecinha: *“Puritanos, castos, honrados, virtuosos, valentes, santos e toda raça de gente que se dizia decente já passou pela Terra, foi embora e deixou essa porcaria para trás. Quem sabe se não será uma puta que purgará, de uma vez por todas, o mundo de todos os seus pecados?”*

O Príncipe foi ao seu encontro e a pegou pelo braço conduzindo-a por uma porta larga onde belos casais dançavam alegremente. Nesse momento, ninfas a guiaram até um camarim e a vestiram convenientemente. Transformada em elegante dama foi levada num luxuoso bonde subterrâneo para um maravilhoso restaurante francês. Era um ambiente rico e sofisticado. A noite começou com um delicioso jantar com fundo musical e terminou numa cama. Mas ela não tinha ânimo para nada. Deitada, mergulhada em melancolia, vendo a imagem dos seus homens a todo momento, ela se sentia como se fosse um cordeirinho caminhando para seu sacrifício. Ele ofereceu um vinho dizendo em seu ouvido, com uma voz de sussurro, grave, cadenciada e melodiosa, frases que eram repetidas três

vezes como se fossem mantras:

- Beba e conceberás o futuro. Está feito. Minha palavra será cumprida. Seu mundo estará livre do mal. Para sempre livre do mal!

Ela bebeu tudo de um gole só e sentiu seus ouvidos zumbirem. Todos os seus sentidos ficaram superativos até que ele a tomou nos braços e a apertou. Uma melodia os guiou numa dança pelo espaço inimaginável do universo que vinha da mente dela. Levitando, segundo a mente aditivada de Zezinha, eles dançaram iluminados pelas luzes e cores da nebulosa de Andrômeda. De repente tudo a sua volta girou. As imagens ficaram distorcidas, desfocadas e ela sorriu de prazer. Seus olhos se fecharam e ela foi carregada até a cama pelo príncipe. A partir daquela noite ninguém mais pecou.

Capítulo XII – O Começo do Fim do Mundo

Pela manhã, os dois maridos atiraram suas malas em cima de uma carroça puxada por um burro e foram embora rumo ao Vilarejo dos Prazeres da Santa Virgem.

No terreiro de Dona Nenzinha e em todos os terreiros da região, por mais que se tocassem os tambores nenhum espírito se dispunha a aparecer. Cansados de cantar e andar em círculo, os filhos dos orixás se sentavam exaustos. Havia poucos visitantes encomendando trabalhos que jamais seriam executados pois as criaturas do submundo dos espíritos se recolhiam às trevas ao toque das trombetas do Príncipe. Por amor à mortal Zezinha, ele as recolhia como se recolhesse gado aos seus currais. Alguém lembrou de fazer as oferendas e trouxeram um bode. Um caboclo que há vinte anos cortava as cabeças dos animais oferecidos em sacrifício percebeu que todos os presentes franziam a testa e fechavam os olhos para não verem a cena brutal. Ele olhou nos olhos do bicho e não teve coragem de cortar sua cabeça. A mãe de santo pegou a faca da mão do matador e, por não conseguir ferir o animal, disse que a partir daquele dia nenhuma gota de sangue seria derramada no terreiro: as oferendas seriam preparadas com leite, ovos e frutas nativas. Esse sentimento percorreu a cidade, tomou o país e nunca mais ninguém derramou sangue de um ser vivo para se alimentar. Assim, faltou carne para os hambúrgueres e para os restaurantes que acabaram falindo e desempregando muita gente.

Impossível foi continuar as reuniões sem a presença dos espíritos. Um a um os frequentadores do terreiro de Dona Nenzinha foram desaparecendo assim como os frequentadores de terreiros de todo o país. Uma vez que não recebiam mais pagamentos pelos trabalhos espirituais, pois o povo da cidade, sem sofrer a influência do “mal”, só pensava em adquirir riquezas, amores e poder por força de suas próprias capacidades, seus próprios esforços e merecimentos, os terreiros foram ficando cada vez mais pobres e sem condições financeiras para pagarem o básico: água e luz. Assim, a mãe de santo teve que fechar as portas do recinto religioso. Como boa baiana, Dona Nenzinha foi viver da venda de doces e acarajés na praça da cidade.

Capítulo XIII - Salvador

O suposto mal estava desaparecendo das vidas das pessoas, mas Sinout não percebia. Ele insistia em olhar todos os dias para o céu vazio de nuvens e afirmar que a desgraça na sua vida continuava e já fazia seis dias que Zezinha, para o vilarejo, não voltava.

Nica lavrava a terra seca de dia e de noite porque se tivesse um

minuto de descanso a reflexão o atormentaria fazendo a imagem de Zezinha se projetar em qualquer parte. Numa dessas reflexões, segundo Das Dores a quem a ausência dos espíritos parecia não causar qualquer diferença no seu mau humor, Nica se perdeu na nuvem de seus pensamentos e quando voltou a si, acariciava e beijava um jumento. Sabendo disso, o pastor Gala Santa ficou tentado a trazê-lo para seu grupo evangélico, pois ele insistia na tese de que estava próximo o dia em que o milagre de todos os milagres aconteceria em sua comunidade: o primeiro parto masculino com o intuito de trazer aquele que livraria o mundo, com mãos de ferro e fogo, de todas as desgraças. Segundo sua profecia, esse libertador não traria perdão, mas uma espada de aço flamejante, afiada e pronta para rasgar a carne dos pecadores; não traria pão nem peixe, mas uma enxada; não curaria os enfermos, mas garantiria hospitais; não se deixaria humilhar, mas humilharia os exaltados; não se deixaria abater sem luta e, sem a menor piedade, fulminaria seus inimigos. E esse “salvador”, se tivesse que morrer, morreria. Mas morreria lutando.

Capítulo XIV – Irmandade

As pessoas passavam a viver suas vidas de acordo com suas posses, sem ambicionarem mais nada. As igrejas continuavam com seu público de sempre, mas os padres perceberam que os confessionários estavam ficando vazios até que, sem pecadores, eles ficaram empoeirados.

Nos templos protestantes, os pastores perceberam que os fiéis pediam paz, amor, união e fraternidade. Quanto aos antigos pedidos de bens materiais e perdão, isso já não mais fazia parte das solicitações nos cultos. Um pastor chegou a pedir que levantassem o braço as pessoas que haviam pecado naquela semana. Como ninguém levantou, ele agradeceu a deus, recitou os dez mandamentos e, apelando, falou dos sete pecados capitais inventados pela igreja adversária, como a gula, a luxúria, a avareza, a ira, a soberba, a preguiça e a inveja.

– *Agora que sabem bem do que estou falando – Disse ele – permaneçam com os braços abaixados somente aqueles que não pecaram.*

Para a surpresa do pastor, ninguém levantou os braços. Ele parou e tentou lembrar qual seria a próxima etapa do culto, já que aquela estava superada. As possessões seriam analisadas.

– *Tragam até aqui as pessoas endemoninhadas!*

Operou-se um total silêncio na igreja.

Os demônios de verdade não poderiam aparecer porque estava em pleno vigor o pacto de Zezinha. Os falsos demônios não apareceram porque enganar pessoas seria, além de crime de falsidade, um grande pecado e ninguém sentia a menor vontade de pecar, pois os espíritos intensificadores dos erros humanos não mais influenciavam ninguém.

Atordado, mas satisfeito por não haver possessões, o pastor leu a lista das tarefas do culto e viu que era a hora de recolher as ofertas. Sem a influência do mal em sua vida, o pastor não sentiu vontade de explorar os fiéis com a ganância de outrora, quando pregava a teologia da prosperidade, e pediu que eles ofertassem apenas aquilo que não fosse lhes fazer falta. O resultado da arrecadação daquela noite foi, diferentemente do resultado da semana anterior que apurou três mil reais, o recolhimento de duas moedas de cinquenta centavos e uma de dez. O pastor agradeceu a oferta, falou da crise financeira que devorava as finanças do país, disse que ia procurar um emprego para complementar a renda da igreja e informou que o próximo encontro, marcado para ocorrer em oito dias, seria naquele mesmo local, se a companhia de eletricidade não cortasse a energia elétrica por falta de pagamento, ou ao ar livre, na praça da cidade.

Não demorou muito para se chegar a uma situação extrema de falta de fundos. Com a arrecadação baixa, as igrejas evangélicas atrasaram os pagamentos dos aluguéis, da água, da energia, do telefone, da televisão a cabo, da internet e entregaram os imóveis. Porém, os padres e fiéis católicos, irmanados na fé cristã, convidaram os protestantes a celebrarem seus cultos nas paróquias e capelas da cidade e ainda se comprometeram a tirar as imagens dos santos católicos das paredes. Não havia necessidade de nenhum pagamento nas igrejas católicas, pois a água, a energia, o telefone, a televisão a cabo e a internet sem custos para os fiéis católicos faziam parte de um pacote de boas ações da prefeitura. Os protestantes aceitaram e prometeram que ao final de cada cerimônia religiosa recolocariam todos os santos e símbolos católicos nos seus devidos locais. Mas com o passar do tempo ninguém se importou com isso e nos cultos evangélicos essas imagens acabaram se tornando peças de decoração. Houve até quem dissesse que era comum ver protestantes ajoelhados aos pés da cruz do cristo crucificado.

Como os terreiros de umbanda estavam fechados, os filhos dos orixás consultaram os padres sobre a possibilidade de uso compartilhado da

igreja, pois ambas as crenças eram tão semelhantes que nem os santos seriam retirados. Bastava mover os bancos de modo que no centro ficasse um círculo vazio. Embora os espíritos insistissem em não baixar, fazia-se necessário uma vigília ao som dos batuques, pois de uma hora para outra a “greve espiritual” poderia ter fim. Os padres se reuniram com os arcebispos e, uma vez que os espíritos causadores das intrigas e preconceitos religiosos não influenciavam mais o clero, concordaram em ceder um horário para os irmãos da umbanda e do candomblé. Teve um padre que defendeu a ideia com a tese bastante difundida de que existe uma paridade entre os santos católicos e os orixás da umbanda. Iansã seria Santa Bárbara; Iemanjá seria a Virgem Maria ou Nossa Senhora da Conceição. Ogum corresponderia a São Jorge; Oxalá seria Jesus e São Pedro, o mesmo que Xangô. Oxumaré é o mesmo que São Bartolomeu, Oxossi equivale a São Sebastião, Oxum corresponde a Nossa Senhora Aparecida e daí por diante. Nessa mesma reunião, aprovou-se, por antecipação, a orientação de que os espíritas kardecistas também podiam reservar um horário e, se o pessoal da Assembleia de Deus quisesse, com exceção dos sábados que seriam reservados aos adventistas, os outros dias da semana ficariam disponíveis para os seus cultos. Uma vez que ninguém servia café nem chá nos templos católicos, os mórmons se sentiram à vontade para também usar o espaço. Como não seriam permitidas quaisquer cirurgias dentro das igrejas, exceto as espirituais, não havia o risco de uma transfusão de sangue. Assim, as Testemunhas de Jeová, desde que solicitassem, também seriam acolhidas nos recintos católicos.

As coisas foram tão irmãmente organizadas que as doutrinas chegaram ao ponto de improvisar para melhor aproveitarem os objetos de culto: um enorme Preto Velho teve seu cachimbo usados para acender os incensos nos cultos católicos e kardecistas; flores depositadas aos pés de Iemanjá acabaram enfeitando uma mesa onde os pastores evangélicos se preparavam para o culto; uns papéis de cartas psicografadas foram utilizados para acender uma fogueira santa e o confessionário foi usado como cabine para os médiuns aplicarem passes; o carneirinho de São João foi adaptado numa cerimônia e se tornou uma cabra preta; sem ninguém para matar e tirar o sangue de um bode, uma mãe de santo usou o vinho dos católicos, que simbolizava o sangue do cordeiro, para uma excelente e inofensiva oferenda; um padre foi visto com uma roupa de pai-de-santo; um pastor pregou de camisa de “ração”; um pai-de-santo usou terno pela

primeira vez, emprestado de um pastor, e uma mãe-de-santo, por falta de vestido, usou uma batina. Em certa ocasião, um pastor, para atender sua clientela com a venda dos santos óleos da Terra Santa, teve que pedir emprestado ao padre meio litro de óleo que sobrou da páscoa. Noutra ocasião, um bispo protestante perdeu o controle da situação na hora de expulsar um demônio, que na verdade se tratava de um fiel com crise epilética, e pediu ajuda. Como fazia tempo que nenhum demônio aparecia, então ninguém teve o cuidado de analisar melhor o caso que foi tratado como possessão. Assim, o pastor pediu a um médium que o ajudasse nas orações em cima do possuído para amolecer o suposto diabo e, finalmente, livrar o fiel daquela possessão demoníaca.

Não se realizaram mais nenhum batizado porque ninguém ousava escolher o futuro religioso dos filhos e os casamentos, por serem considerados dispendiosos demais e verdadeiras amarras sociais, desnecessárias e dispensáveis, foram considerados extintos. Assim, tivemos uma paz de irmãos cristãos que verdadeiramente se completavam reunidos no amor de deus.

Do outro lado do oceano, portanto longe da abrangência do pacto de Zezinha, o Papa soube da novidade brasileira e mandou uma comissão de bispos investigar e acabar com essa união de aparência sincrética. Municiados de toda força divina, os bispos vieram decididos a dar um basta nisso. Acontece que, cumprindo a cláusula de barreira nacional do pacto de Zezinha, os espíritos vagabundos que seguiam os bispos ficaram no oceano. Aportando no Brasil, os bispos não só apoiaram a ideia de união das crenças como venderam todos os seus bens da Itália e aqui resolveram ficar e continuar sua missão evangelizadora. Aborrecido, e acreditando que estava vivendo uma cruzada dos tempos modernos, o Papa resolveu mandar uma segunda leva de bispos, os quais comparou aos antigos guerreiros cristãos e os denominou de “Templários da Nova Era”. Do mesmo jeito que aconteceu aos primeiros bispos, os espíritos vagabundos que seguiam os denominados “Templários” ficaram no oceano. Aportando no Brasil, esses “Templários”, livres da avareza, da ira, da soberba, da vaidade, do preconceito e das ambições não só apoiaram a ideia de união das crenças como saíram daqui afirmando que a solução revolucionária brasileira serviria de espelho para a Europa e o resto do mundo. Chegando a Roma, os bispos se apresentaram ao Papa e disseram que no Brasil apoiaram a ideia dos brasileiros, mas que agora, estando em

solo romano sagrado, não concordavam e propunham perante o Santo Papa a pena de excomunhão de todos os sacerdotes e fieis brasileiros. O Papa resolveu que antes de infligir tão dura pena aos religiosos, escreveria ao clero brasileiro advertindo que se em trinta dias os dissidentes não desfizessem a união herética com outras religiões, deus e o Papa os puniriam. Este, com a excomunhão e aquele com severos e infernais castigos. A resposta do Brasil chegou no Vaticano da seguinte forma: *“Aceitamos humildemente a excomunhão imposta por Vossa Santidade porque nenhum de nós teve coragem de expulsar da igreja os demais irmãos que, como nós, estavam ali reunidos por uma causa maior. Quanto aos castigos divinos, pelos motivos acima expostos, também aceitamos humildemente por entendermos que por um irmão vale a pena sofrer os castigos do céu. Aguardaremos o pronunciamento e providências de deus, nosso senhor. Desde já, não imploramos por piedade”*.

Certo dia um padre observou que em sua missa havia mais fiéis do que de costume. Ao questionar isso, o coroinha respondeu que depois da celebração católica vinham os cultos de todos os segmentos religiosos que não invocavam espíritos; depois vinha o pessoal kardecistas e por último os batuques da rapaziada que tentava fazer algum espírito baixar. Desse modo, muita gente assistia à missa enquanto esperava o início do seu verdadeiro culto. Ao ouvir aquilo, o padre agradeceu a deus pela oportuna comunhão de verdadeiros irmãos e propôs iniciar a missa daquele dia abrindo aleatoriamente seu livro sagrado. O versículo a ser lido, certamente seria de bom proveito a todos. Assim ele fez e o versículo escolhido aleatoriamente, Atos 17:24, foi lido:

– *“O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens”*.

Pela primeira vez em toda a história da igreja católica alguém resolveu fazer uma pergunta durante a missa. Tal questionamento veio de um espírita kardecista:

– *Esta é ou não é a casa de deus?*

O padre, livre da soberba e da prepotência, humildemente respondeu que, sendo o livro sagrado a verdade incontestável, deus não habitava aquele templo. A missa se transformou em local de debate e por fim deliberaram que as reuniões a partir daquele dia seriam realizadas ao ar livre. O prédio da igreja seria entregue ao poder público para que se transformasse em escola, museu ou hospital.

Os cultos foram sendo realizados em praças, em casas de fiéis, no campo, em beiradas de rios, praias, campo de futebol, casas de festas e escolas abandonadas. Com isso, vários acidentes foram notificados, na maioria das vezes com crianças. Teve queda de árvores, queda de raios, afogamentos, queimaduras com rojões e atropelamentos. Mas foi o temor do desmanchar de penteados feitos com chapinha, caso as chuvas acontecessem, que uma revolução se iniciou no Sertão pernambucano e se alastrou pelas principais cidades até dominar o Brasil por completo. As devotas toleravam tudo, menos molhar os cabelos na chuva estragando a chapinha. Isso era, segundo elas, algo inconcebível, inegociável. Era algo que não estava na esfera dos “*Intensificadores*”. Ter os cabelos lisos era uma questão inerente ao ser feminino e era tão essencial quanto beber água. Portanto, não dependia de “encosto”.

Sem suportarem mais o moído^[44] das esposas, que reclamavam sobre a possibilidade de as chuvas estragarem os penteados numa eventual tempestade, os maridos esperaram um grande acontecimento para abandonarem de vez os cultos “a céu aberto”. E isso aconteceu após um acidente com um touro bravo que escapara de um curral ferindo dez pessoas. Os fiéis entenderam que seria melhor, seguro e mais confortável falar com deus em suas próprias casas e, assim, nunca mais ninguém ouviu falar em religião e muita gente desse ramo de atividade teve que se adaptar, inclusive o pastor da Gala Santa. Este iniciou uma criação de jumentos que, segundo Das Dores, não serviam mais para nada. Depois que as motos invadiram os sertões nordestinos os jumentos ficaram sem função alguma. Assim, ficava a pergunta no ar: para que esse pastor quer criar jumentos?

Uma mulher que passeava com seu marido por uma praça percebeu que um homem a observava com um olhar de cachorro pidão. Com pena dele, que certamente tinha o desejo de copular com uma fêmea da mesma espécie, mas lhe faltara oportunidade, ela pediu permissão ao marido para fazer uma caridade e este, sem a influência dos maus espíritos que provocavam o ciúme, fruto do egoísmo e da ambição, concedeu o pedido da amada e se sentou num banco da praça enquanto esperava sua mulher que se doava abnegadamente. Uma bela senhora que passava pelo local, ao ver as duas pessoas transando, admirou-se da perfeição dos corpos que se amavam ali na praça, achou tão bonito que sentiu uma lágrima escorrer sobre o seu rosto. O marido da mulher que fazia a caridade ofereceu um lenço que esta, comovida, usou e devolveu com promessa de

retribuir a gentileza. Um minuto depois, os dois, sob a influência dos poucos “*Intensificadores*” dos desejos sexuais que ainda não haviam se recolhido ao inferno, estavam se agarrando e fazendo caridade mútua. A partir daí as pessoas transavam umas com as outras como qualquer animal. Elas não se sentiam mais presas às preconceituosas amarras sociais que instituíram o pecado da carne. Assim, não havia sentimento de culpa por estarem fazendo algo errado, afinal, era só uma transa inocente. Elas acreditavam que faziam isso como um ato de amor e caridade ao próximo. O sentimento de posse entre homens e mulheres havia sumido e não era incomum, mesmo nos locais das cerimônias religiosas, haver uma união sexual espontânea como forma de cumprimento mandamental de uns aos outros se amarem, multiplicarem-se e encherem a Terra.

As questões sobre o “bonito”, o “feio”, a “moral”, o “imoral”, a “cor”, “origem”, “raça”, “sexo” eram consideradas irrelevantes no atual grau de “evolução” da sociedade brasileira. A ordem era amar uns aos outros sem distinção alguma. Com isso, outros profissionais que começaram a sofrer com as mudanças foram as prostitutas que de tão desnecessárias perderam seus empregos e passaram a perambular pelas ruas numa marcha grevista pacífica e silenciosa sendo seguidas pelos religiosos e pelas pessoas que não aceitavam matar animais para o comércio de carnes, ou seja, os desempregados dos restaurantes e açougues.

Na ausência de crimes, o trabalho dos policiais foi ficando escasso, o que os deixou muito mais gordos. O jeito que se pode dar foi adaptar suas funções. Em vez de enfrentar o crime (inexistente) foram subutilizados nos sinais de trânsito orientando os motoristas e atravessando idosos e crianças nas faixas de pedestres.

Depois das polícias, das guardas municipais e das empresas de segurança, o poder judiciário, pela ausência de crimes, começou a ruir. Os advogados, juízes, desembargadores, ministros e serventuários da justiça ficaram sem seus empregos e as fileiras de uma marcha surda de desempregados cresceram nas ruas das cidades.

Não se ouviram mais nenhum disparo de arma de fogo e muitas casas funerárias tiveram que fechar suas portas. O governo cancelou a compra de armas e as fábricas desse material mortífero começaram a quebrar e demitir seus funcionários. Em pouco tempo uma grande quantidade de policiais, guardas-municipais e vigilantes demitidos se juntaram às prostitutas, aos desempregados dos restaurantes, aos

serventuários da justiça, aos juízes e advogados, aos agentes funerários, aos metalúrgicos das fabricas de armamentos e aos assassinos e ladrões desocupados num grande protesto pacífico onde não se viam faixas, cartazes ou panfletos, nem se ouviam vozes perturbadoras da paz social. Eram passeatas mudas. Um curioso só saberia de que se tratava a passeata se perguntasse a um dos participantes qual era o motivo. Outros profissionais como os padres, bispos, pastores, obreiros, missionários, pais-de-santo, donos de motéis e prostíbulos se juntaram a essa marcha. Quando esses profissionais acharam que estavam sozinhos na luta contra a falta de raparigueiros e infiéis, a falta de insegurança, a falta de mortos e a falta de fiéis e de fanáticos religiosos deram de cara com um grupo de médicos, enfermeiros e donos de hospitais que reclamavam da falta de doentes. Ao ser entrevistado, um médico reclamou:

- Não se vê mais um epilético, um leproso, um tuberculoso nem uma hemorroida de botão num paciente. Não se vê mais nada! Para onde foram as doenças?

Sem demônios trazendo doenças, a indústria farmacêutica brasileira quebrou e seus desempregados engrossaram as fileiras das passeatas por todo o país.

Um debate na televisão versou sobre a educação como forma de tornar o indivíduo mais competitivo e assim vencer a luta para obtenção de melhores empregos. Isso fez as pessoas pensarem que para ter sucesso na vida profissional alguém teria que não ter esse mesmo sucesso, pois a competição beneficiaria apenas os “bons”. Ocorre que a vaidade e a ambição já não encontravam guarida no seio da população. Isso fez as escolas ficarem cada vez mais vazias, desempregando professores e causando risco futuro para as áreas de ciências e tecnologia. As fileiras dos protestos pacíficos engrossavam com a vinda de mais esses profissionais.

As partidas de futebol foram perdendo seu público porque as pessoas já não torciam pelo seu time nem os jogadores ficavam à vontade para fazerem gol, pois isso causaria tristeza aos adversários. Sem partidas de futebol não havia vitórias para festejar nem derrotas para chorar acompanhadas das bebidas alcoólicas e, assim, o ramo de venda de bebidas teve drástica queda nas vendas.

Loterias e jogos de azar desapareceram do cotidiano e agravaram ainda mais o problema do desemprego. Mas foi o sumiço do “jogo do bicho” que entupiu de vez as ruas de desempregados.

Donos de bares e botequins fizeram diversas reuniões com pais e mães-de-santo com o intuito de desvendarem os mistérios da falta de fumantes e bêbados. Ouviram com tristeza que, com a falta de “encosto” de espíritos fumantes e bebedores, as pessoas deixaram de ser “cachimbos” e “canecos” para esses espíritos. Assim, deixaram de beber e de fumar, passaram a tomar água e leite e andar pelos campos apreciando o cheiro das rosas.

– *O alcoólatra* – Disse um pai-de-santo – *não passa de um “caneco vivo” que os espíritos de antigos viciados usam para saciarem suas sedes de álcool. Fumantes são como cachimbos para os espíritos. É de se ter paciência e esperar que as coisas voltem ao normal.*

As revistas masculinas deixaram de ser vendidas porque ninguém mais sentia apetite sexual pela devassidão ou pela nudez dos outros. Aliás, as pessoas foram ficando tão puras que ninguém mais se surpreendia ao cruzar com uma mulher ou um homem nus: o Jardim do Éden estava de volta e as fábricas e lojas de roupa já davam sinais de falência, pois esse objeto tinha agora apenas o fim exclusivo de dar proteção ao corpo contra as intempéries, raríssimas no Brasil.

Não havia maldade ou segundas intenções quando se observavam corpos nus, mas admiração, isenta de qualquer inveja, pela beleza estética dos outros. As pessoas estavam vivendo como nos tempos da criação, mas desta vez não havia cobra falante, nem fruto proibido no meio do paraíso que pudesse causar tentação. Também não existiam as famosas folhinhas de Adão e Eva cobrindo as genitálias.

A excitação nas pessoas causada, segundo os religiosos, pelas tentações demoníacas, já não mais perturbava ninguém. O sexo, que passou a ser feito por caridade, gratidão ou simplesmente para procriação, sempre na posição tradicional, foi ficando cada vez menos utilizado à medida que os “*Intensificadores*” se recolhiam ao inferno. Isso fez as autoridades ficarem preocupadas, pois havia risco de extinção da espécie humana no Brasil. Assim, eles buscaram uma explicação para o fato. Foi um veterinário especialista no estudo da reprodução dos jumentos que afirmou que estava ocorrendo um fenômeno perturbador na espécie humana: os perfumes estavam escondendo os cheiros característicos dos machos e das fêmeas. Assim como os cheiros provocavam os desejos sexuais nos outros animais, os cheiros também faziam o mesmo com os humanos. *“Uma vez que os perfumes escondiam os cheiros característicos, as pessoas se interessavam*

cada vez menos pelo ato sexual”, afirmou o pesquisador que, encerrando seu relatório, recomendou que as pessoas parassem de usar perfumes. As recomendações foram acatadas pela população, mas não fizeram o efeito esperado. Apenas serviram para acabar de vez com a indústria de cosméticos e comprovar que as pessoas não estavam mais transando de jeito nenhum e isso independia de cheiro. Estava faltando mesmo era tesão. O efeito disso veio em menos de cinco anos quando se verificou que os nascimentos foram reduzidos em noventa e nove por cento.

As empresas que trabalhavam com produtos infantis, as indústrias de camisinhas e objetos cilíndricos, a indústria de filmes pornográficos, a indústria de gel lubrificante e a indústria de cosméticos tiveram que fechar as portas e seus trabalhadores engrossaram as marchas surdas pelas ruas da cidade.

E, quem diria, finalmente os bancos estavam sentindo algo de errado com a economia do país e forçaram o governo a mais uma vez socorrê-los. O governo simplesmente, como fez diversas vezes no passado, comprou todos os bancos falidos com o restinho das reservas financeiras internacionais que o país possuía e em menos de vinte e quatro horas esse dinheiro recheava os bolsos dos investidores internacionais. O país, por conta da baixa arrecadação de impostos e do socorro aos bancos, quebrou e os bancários e servidores públicos procuraram rapidamente a marcha dos zumbis desempregados. Era, agora, uma marcha lenta de pessoas que apenas seguiam em frente. Que destino e que resultado isso traria, ninguém sabia.

A ausência dos encostos espirituais que provocavam a vaidade começou a mudar as pessoas. Elas agora tinham uma aparência meio selvagem. O passar do tempo e a completa ausência dos “*Intensificadores*” as fizeram esquecer do episódio da “*revolta das chapinhas*” e os simples hábitos de tomarem banho, pentearem os cabelos e de se vestirem passaram a ser raros. As pessoas passaram a ser vistas nuas, despenteadas e com tufo de cabelos debaixo dos braços e ao redor da genitália. Os barbeiros, os cabeleireiros, as manicures e as fábricas de cosméticos, de tesouras e de lâminas de barbear sentiram as vendas caírem bruscamente e, para horror do fisco, também fecharam suas portas, deixando de ser importantes fontes arrecadadoras de impostos. Os desempregados já sabiam onde deveriam ir e se juntaram aos desocupados na grande marcha pelas ruas das cidades.

Nessa confusão toda, as árvores deixaram de ser podadas não só

por falta de dinheiro público, mas também porque as pessoas ficaram tão sensíveis que o simples arrancar de uma folha era como fazer uma maldade com a pobre planta que perderia um importante órgão coletor da luz solar.

A agricultura de subsistência passou a ser o único meio de sobrevivência da marcha crescente de desempregados e, como consequência, alguém que sobrevoasse o país teria dificuldade de ver telhados, pois estes também foram utilizados como áreas importantes a serem aproveitadas para o cultivo de alimentos.

A selva de pedra que um dia expulsou a floresta, agora estava sendo reconquistada pela vegetação que crescia até mesmo dentro de casas, apartamentos e brechas de paredes atraindo de volta várias espécies de animais, incluindo-se aí aqueles que escaparam dos zoológicos. Esses animais se juntaram a bois, vacas, bodes, cachorros, gatos, baratas, ratos e inúmeras outras espécies tornando-se pragas.

Um caos na saúde pública estava se instalando com a falta de dinheiro para contratar os agentes de saúde. Sem o controle sanitário as exportações foram paralisadas, a ONU isolou o país e Sinout só percebia a falta de chuvas e os cinco anos de ausência de Zezinha.

Uma doença que surgiu do aumento do número de ratos dizimou metade da população e os poucos sobreviventes, imunes a ela, formavam a “geração dos saídos do inferno”: pareciam zumbis. O país estava isolado do resto do mundo havia dez anos.

As forças armadas, por falta de dinheiro e por conta do fechamento das fábricas de armas e munições, estavam aos frangalhos. Sem salários ou quaisquer meios de sobrevivência, os soldados passaram a plantar para comer e com isso abandonaram seus postos nas cidades e nas fronteiras do país.

O risco de invasão por tropas estrangeiras era iminente vinte anos após o pacto de Zezinha. Se não fosse a patrulha da marinha Portuguesa, que agora reivindicava junto à ONU seu antigo território, e o medo de que as doenças brasileiras se espalhassem pelo resto do mundo, o país já teria sido invadido. Sem o “mal” o país voltava aos tempos da colonização portuguesa.

Capítulo XV – Necrópole

Sem suportar a falta que fazia sua amada, após esperar por vinte

anos cavando enormes buracos na sua propriedade, Nica Calungu resolveu arar suas terras e as terras dos vizinhos no Vilarejo dos Prazeres da Santa Virgem. Extremamente perturbado com a ausência da meia-mulher, tentando esquecê-la a todo custo, arou a cidade de Arcoverde todinha e se dirigiu a pé para o sertão com uma enxada cavando e plantando desesperadamente suas saudades. Já chegando na entrada de Serra Talhada, esgotado de tanto cavar o sertão, caiu morto em um buraco que ele mesmo fez para juntar água de uma chuva que insistia em não cair. Mais tarde, quando a chuva chegou trazendo uma torrente de lama, ele foi coberto pelo melhor dos cobertores, aquele que todo vivente terá como último agasalho. Nica foi plantado e, uma vez que trazia nos bolsos uma semente de umbuzeiro, esta germinou, cresceu, floresceu e deu frutos sobre seus restos mortais.

De tanto olhar para o céu, procurando nuvens de chuva, Sinout teve paralisia na coluna vertebral desde o cóccix até o pescoço e nunca mais conseguiu olhar para a terra. Ficou com o pescoço duro feito pau. Assim, deixou de ver o cadáver de Das Dores que apodrecia a seus pés. Isaurinha Bunda de Anjo, em uma rara visita à fazenda, procurando Nica Calungu, passou com os peitos quase roçando o queixo de Sinout e ele não conseguiu ver. Conferir a bunda dela, nem pensar. Tentou usar a mão boba, mas foi inútil. Ficou andando atrás de Isaurinha, feito aqueles bonecos de Olinda, em vão. Mais tarde, não vendo os buracos abertos no solo por Nica Calungu, quando cavava poços procurando água para irrigar a terra, arrastou uma velha cadeira de balanço até o terreiro da fazenda, sentou-se nela e ficou observando o céu. A cadeira deslizou, caiu em um dos inúmeros buracos e de lá ele nunca mais saiu.

Alguns dias após o deslizamento da cadeira, sem esperança de ser salvo por alguém, ele suspirou, sorriu tristemente e disse: *“aprisionado neste buraco, sinto o descortinar de um véu bem diante dos meus olhos. Agora sou livre. Daqui de dentro vejo tudo de uma maneira muito simples e clara. Não sei julgar se é a maneira mais correta de ver as coisas, mas é o olhar mais honesto que eu posso ter sobre a nossa existência. Não sei o porquê disso, mas temos uma estranha mania de honestidade quando sentimos o precipitar da última hora. Agora enxergo o mundo humano diferente e acredito que ele é exatamente como eu acho que é: um teatro infinitamente menos qualificado do que aquilo que imaginamos ser, cujas peças são encenadas por ingênuos que acreditam que são algo maior,*

melhor e diferente das coisas que não valem nada. Nosso mundo é um circo e sua lona, suas madeiras, seus pregos, martelos, braços, pernas, bocas e memórias não resistirão ao tempo. Em breve, nós e nossa trajetória de vida seremos ainda esse circo, só que vazio, empoeirado e abandonado num deserto qualquer. Imperadores, reis, presidentes, ditadores e todos os poderosos deste mundo experimentaram momentos de abuso e glória absolutos em picadeiros sob lonas suntuosas ou esfarrapadas. Pobres diabos! Arrogantes que se tornaram tolos impotentes no final de suas vidas! Eles perderam! Todos perdem e eu apenas rio deles agora. Todos perdem porque daqui ninguém sai de pé com espada na mão, nariz arrebitado e dedo em riste! Hoje quase nada do que eles foram restou, senão apenas poeira de história. E nós que vivemos o agora, quando viraremos apenas poeira de história? Quando é que as nossas biografias não significarão mais nada para ninguém? Nossos antepassados tiveram seus momentos de alegria e dor nas arquibancadas da vida esquecidas pelo tempo. E hoje, o que restou disso? O que restou da coragem deles, um dia exaltada, ou da covardia, um dia repudiada? O que restou do orgulho, do preconceito ou do rancor? O que restou ou o que restará da aventura humana, com o passar do tempo, senão apenas os trapos da lona do circo soprados pelos ventos de um deserto quente e inóspito que aos poucos é coberto pela areia? A vida humana é inegavelmente um nada no tempo. E tolo é aquele que tenta pregá-la às paredes do universo, numa tentativa louca de eternizá-la, agindo como idiotas que usam pregos e martelos no deserto para fixar areia. A vida humana é inegavelmente uma peça cujas cenas são representadas por tolos num teatro menos qualificado: num circo. Eu vejo tudo isso daqui de dentro com o corpo aprisionado, mas com a mente livre. Sinto o descortinar de um véu bem diante dos meus olhos. Agora sou livre. Eu sou livre”.

Sinout passou seus últimos anos de vida no buraco, de cara para cima feito jumento sem mãe, bebendo orvalho, comendo barro e, eventualmente, insetos. Assim, ele teve muito tempo para analisar a terra na frente de seu nariz e o céu com seus pássaros e seus mistérios. Dos seus estudos ele fez importante classificação da terra e dos seus componentes orgânicos, mas abandonou esses estudos por entender que preso no buraco eles não serviam de nada para agricultura. Então se concentrou nos pássaros e os organizou quanto à espécie, gênero e família. Quando terminou, sentiu pena, preso num buraco, por não poder passar seus conhecimentos aos

ornitólogos. “*Que conhecimento inútil!*” – Pensou ele.

Seus olhos procuraram sabedoria um pouco mais alto. Ele terminou por estudar as nuvens e descobriu que elas podiam ser classificadas pela aparência e pela altitude. Pela aparência, observou as Cirrus, as Cumulus e as Stratus. Pela altitude verificou que existem as nuvens altas, médias, baixas e nuvens com desenvolvimento vertical. Porém, mais uma vez se entristeceu e, sentindo pena do mundo, disse:

– *Que conhecimento inútil! Por eu estar dentro de um buraco, a ciência perde um dos seus mais dedicados estudiosos.*

Mas isso não impediu a continuação de seus estudos, pois acompanhou todas as estrelas do céu e fez importantes observações. Uma delas foi a de que, de fato a ciência tinha razão: a Terra era redonda e girava em torno do sol e mais: vivíamos na periferia de uma galáxia inexpressível. Assim, não éramos o centro de coisíssima nenhuma.

Sinout também estudou a vida na Terra e afirmou que os “Evolucionistas”, discípulos de Charles Darwin estavam com a razão sobre como a vida evoluiu neste planeta e que os “Criacionistas” não passavam de teimosos. Ficou tão admirado com suas descobertas que chorou por dois dias já prevendo que morreria sem conseguir sair do buraco para contar essas novidades para o mundo.

Nenhum estudo de Sinout foi tão importante quanto o estudo das nuvens. Ele previu com mais de quinze dias, duas horas, quarenta e cinco minutos e trinta e dois segundos de antecedência a chegada de uma forte chuva. Dentro do buraco, ele pressagiou a própria sorte. No dia e hora marcados ele viu se aproximar a grande e negra Cumulonimbus. Era a espera de sua vida. Ninguém no mundo esperou tanto por uma chuva. – “*Que desperdício!*” – Pensou ele – “*Somente o acaso, desprovido de qualquer partícula de racionalidade, cometeria tamanha estupidez: anos de chuva acumulada caindo de uma só vez!*”

Quando a chuva cessou, tudo que se pode ver na fazenda foi que todos os buracos que Nica cavou estavam preenchidos com uma grossa camada de lama. No buraco que Sinout morava podia-se ver claramente um fio de cobre preso a um varão de metal, resultado dos últimos estudos sobre eletricidade. Antes de ser plantado na lama ele inventou o para-raios. O mundo perdeu um gênio.

Capítulo XVI – A Recolonização

Duzentos anos depois do isolamento promovido pela ONU, o Brasil acordou com os exploradores estrangeiros desbravando nossas matas pela segunda vez. Portugal havia vencido um processo promovido na corte internacional que lhe garantia o direito de exploração do país abandonado. *“Dessa vez será tudo diferente. Não mandaremos nossa ralé para lá.”* – Afirmou o presidente português – *“Recolonizaremos o Brasil da mesma forma com que os ingleses fizeram com suas colônias. Seremos tão prósperos como eles foram!”*.

Perguntado como isso seria posto em prática, o presidente português disse que o plano era muito simples: *“Em vez de nós, mandaremos os ingleses para lá”*.

Capítulo XVII – O Despertar

– *Acorde, minha princesa!* – Exclamou aquele que Zezinha acreditava ser o Príncipe das Trevas, o Anjo de luz, Lúcifer – *Está na hora de celebrarmos nosso acordo. Agora que você conhece as cláusulas, assinaremos com sangue o nosso pacto.*

Atordoada, Zezinha despertou de um sono profundo perguntando o que havia acontecido com o Brasil.

– *Ainda não aconteceu nada.* – Respondeu o Príncipe – *Só após a assinatura com sangue, daremos início ao pacto. Você será minha para sempre e, em troca, libertarei o Brasil de todos os demônios, ou melhor, de todos os “Intensificadores” dos desejos, das ambições, do egoísmo extremado e da insensatez que levam os humanos brasileiros a atos extremos de violência e destruição. Sumirei com os “encostos”. Libertarei seu país do mal que o assola. Não é isso que você quer?*

– *O que aconteceu? Preciso voltar para casa!*

– *Você apenas dormiu, minha querida!*

– *Por quantos anos?*

Ele ergueu seu braço para ver o relógio e falou:

– Hum... Deixe-me ver. Depois de uma bela e divertida noite você dormiu por doze horas e trinta minutos.

Atordoada, esfregando os olhos ela se apressou em discutir melhor o contrato:

– Preciso falar com Sinout! Eu vi o futuro! Eu vi o que acontece quando eliminamos o mal! É horrível! Acho melhor não mexermos em nada. Pensei melhor e acredito que isso não é uma boa ideia. O pobre Sinout estava errado! O mundo não sobrevive sem o “mal”!

– Tentei dizer isso a você e acho que consegui. Não existe mal ou bem. O que de fato existem são máquinas criadas por genes egoístas^[45]. Nós e todos os animais da Terra somos máquinas genéticas em constante evolução. E essas máquinas vão fazer o possível e o impossível para sobreviver e se replicar. Não há que se falar na existência do “bem” ou do “mal”, mas na busca de soluções para sobrevivência e perpetuação das espécies neste mundo. Manter-se vivo, preservar a espécie e, egoisticamente, eternizar-se é o que todo animal, incluindo-se aí o animal humano, quer. A busca por essas coisas: sobrevivência neste mundo competitivo, eternidade e felicidade, é que faz surgir o que chamamos de “bem” ou de “mal”. Tentando ser longevos e transmitir seus genes o ser humano ou qualquer outro ser vivo se eternizam através de seus descendentes. Disputando uns com os outros todos os dias, tentam sobreviver neste mundo. E é exatamente essa disputa que faz surgir aquilo que denominamos de “mal”. Brinquei com você quando criei a figura dos “Intensificadores” que aguçam os desejos e as ambições, aquilo que chamamos de anjos ou “encostos”. Sinto muito por tê-la enganado quando a hipnotizei e ministrei alguns alucinógenos em você, mas fiz isso em nome do bom-senso. Não existem nem anjos nem demônios. Seu marido deseja algo que ele mesmo não compreende.

Nesse momento a loira apareceu e falou:

– Nem anjos nem demônios, somos apenas humanos e só temos esta vida para viver. É simples assim. Incrivelmente e maravilhosamente simples assim. Desculpe pelo que eu e Diego fizemos, mas não havia outro jeito de mostrar para você como as coisas funcionam.

A loira abriu um belo sorriso e estendeu-lhe os braços. Zezinha a abraçou e Diego abraçou as duas. Em seguida ela disse:

– Preciso voltar para casa.

– Vá e volte quando quiser porque aqui também é a sua casa.

Zezipha já se dirigia até a porta quando Diego falou:

– *Vocês vieram até aqui porque supunham que alguma coisa segurava as chuvas em algum outro lugar. Não é justo que voltem sem elas.*

– *Volta com as chuvas?*

Diego fez entrar no recinto um servo com um baú bastante pesado dizendo:

– *Receba esse presente para que nunca mais a falta de chuva seja um problema na sua vida. Mas, para abrir esse baú, imponho uma condição: que seus maridos reclamem claramente da falta de chuva. Aceita minha condição?*

– *Aceito.*

Em seguida ordenou que o servo levasse o presente e colocasse junto com a bagagem de Zezipha numa carroça que seria puxada por dois burros. Após se despedirem, Zezipha partiu.

Capítulo XVIII

Sinout e Nica Calungu entravam no Vilarejo da Santa Virgem quando Zezipha os alcançou. Percebendo sua chegada, Nica Calungu comentou:

– *Desta vez senti muitas saudades.*

Sinout abriu um largo sorriso e confirmou o comentário do amigo e ambos a receberam de braços abertos.

Cinco meses depois, a vida aos poucos voltava ao normal quando Sinout olhou para o céu e disse que não havia nem sinal de chuva no horizonte. Nica também olhou para cima e confirmou o que disse seu sócio. Sabendo que assim se cumpria a condição imposta por Diego, ela respondeu:

– *Eu sei como fazer chuva.*

– *Como?* – Perguntaram os dois maridos.

– *Basta abrir o baú que ganhei.*

Ao abrirem o baú se depararam com um bilhete que dizia: “Para não dependerem de chuva, cavem poços. Para cavarem poços, recebam, em barras de ouro, nosso humilde presente”. Tenham uma boa

colheita.

Outros títulos do autor serão facilmente encontrados na maior distribuidora virtual de livros do planeta: www.amazon.com:

- Um Criador de Histórias;
- Um Olhar Sobre Nossas Cortinas;
- O Último Anjo;
- Caçador de Diabos;
- A Maldição de Hamlet.

VANRAZ
vanrazferraz@gmail.com

[1] Última cidade do Agreste pernambucano para quem sai do Recife para o Interior. É a porta para o Sertão.

[2] Poeticamente, vamos desconsiderar os odores desagradáveis dos canais de Peixinhos, Arruda e Agamenon Magalhães todos situados no Recife.

[3] Almas Vaqueiras: segundo as lendas sertanejas, são as almas dos vaqueiros mortos. Elas ajudam a procurar coisas perdidas; também clareiam a visão turva dos vivos.

[4] Avenida Dantas Barreto: uma das avenidas mais movimentadas do Recife. Nessa avenida se encontra o Camelódromo.

[5] Mulher falada: mulher de má fama; mulher que sai com muitos homens.

[6] Coisa: palavra que no Nordeste do Brasil pode ser empregada para se referir a qualquer coisa. “Coisar” também pode significar um relacionamento íntimo.

[7] Palavra que expressa que alguém está de brincadeira, palhaçada ou sacanagem.

[8] Ágape celestial = festa celestial. Funciona aqui como uma interjeição equivalente a “caramba”, “caracas”! O personagem Nica Calungu é muito exagerado em suas interjeições, em seus espantos.

[9] Na mitologia grega, era um monstruoso cão de três cabeças que guardava a entrada do inferno. Ele apenas deixava as almas entrarem, jamais saírem. Mortais que por lá se aventurassem, seriam despedaçados.

[10] Diabo.

[11] Trabalhador de chão de fábrica, sem qualificação, peão.

[12] **Nikola Tesla** foi um inventor nos campos da engenharia mecânica e eletrotécnica. Nasceu na atual Croácia, tornando-se mais tarde um cidadão norte-americano. É mais conhecido pelas suas muitas contribuições revolucionárias no campo do eletromagnetismo no fim do século XIX e início do século XX. As patentes de Tesla e o seu trabalho teórico formam as bases dos modernos sistemas de potência elétrica em corrente alternada. Também é dele o denominado *efeito Tesla* da transmissão sem fio de energia para aparelhos eletrônicos. Seu sonho era fazer essa transmissão em grande escala.

[13] Na hierarquia celestial, seria o baixo clero. Os anjos estão mais perto dos homens e um pouco afastados de deus. Influenciam os homens a galgarem o caminho da vida. Se essa ordem dos anjos que estou descrevendo não estiver correta, para mim tanto faz, anjos não existem mesmo!

[14] Lideram os anjos. Recebem de deus extraordinárias missões.

[15] Responsáveis pelo reino vegetal.

[16] Representam o reino mineral e as leis que regem a criação.

[17] Protegem os seres humanos dos males causados pelos demônios.

[18] Fazem com que todos os seres celestiais cumpram as vontades de deus.

[19] Zelam pelo trono de deus.

[20] Recebem a sabedoria de deus e são responsáveis pela ordenação do caos universal.

[21] São os anjos mais próximos de deus. São responsáveis por propagar o princípio da vida e devem velar, louvar e adorar seu deus.

[22] Expressão respeitosa com a qual se inicia uma argumentação que contraria a opinião do seu interlocutor; significa pedir licença para discordar. O uso dessa expressão pela personagem Nica Calungu, está equivocado.

[23] Advogado.

[24] Homem.

[25] Nesse sentido, significa “esforço” demasiado por algo de que a pessoa não gosta.

[26] Segundo a sabedoria popular, delúrio é aquele barulho na barriga, proveniente da compressão das fezes e gases no intestino.

[27] Espírito mau.

[28] Espírito mau.

[29] É o mesmo que “Eu lasco um”. É expressão muito usada no Nordeste do Brasil. Significa: eu acabo com uma pessoa; eu acabo com alguém; eu faço mal a alguém.

[30] Unidade de Pronto Atendimento. Presta serviços médicos de urgência.

[31] A expressão significa: segurando um lobo pelas orelhas. Essa expressão era usada quando, em dada situação, fazer nada ou fazer alguma coisa para resolver um problema era igualmente arriscado.

[32] Juro que não sei que diabo é isso. Talvez ele esteja falando na língua dos anjos,

[33] Compadre.

[34] Ato de Chatear.

[35] Esculhambar, desmoralizar.

[36] Derivação regressiva de "senhor". Expressão muito usada no Nordeste brasileiro.

[37] Ganhou o mundo significa que a pessoa saiu, foi bater pernas por aí, à toa.

[38] Peraí é uma espécie de conjunção de uso informal, ainda não definida nos dicionários da língua portuguesa, que significa: Espere um momento.

[39] É o mesmo que “Eu fodo um”. É expressão muito usada no Nordeste do Brasil. Significa: eu acabo com uma pessoa; eu acabo com alguém; eu faço mal a alguém.

[40] Os espíritas afirmam que um espírito não entra no corpo do possuído, apenas encosta, fica ao lado.

[41] Qualquer ação de um animal estará amparada nesses três fatores. Sendo o homem mais uma espécie do reino animal, não poderia agir diferente.

[42] A teoria da **dissonância cognitiva** diz que percepções contraditórias entre si servem como estímulos para que a mente obtenha ou produza novos pensamentos ou crenças, ou modifique crenças pré-existentes, de forma a reduzir a quantidade de **dissonância** (conflito) entre as percepções. Geralmente o fanatismo político ou religioso causa isso. Resumindo com um exemplo: você não é bandido e tem horror à desonestidade. Daí você se apaixona pelas ideias de um partido político. Depois o mundo inteiro percebe que esse partido político está cheio de bandidos, mas por mais que se provem as desonestidades, você tende a não aceitar isso e ainda cria histórias para justificar os atos desonestos do seu partido.

[43] Poema épico do século XVII, “Paraíso Perdido” de John Milton.

[\[44\]](#) Moído, segundo Zé Lezin, é a reclamação de uma mulher ao seu marido, uma conversa interminável que persegue o indivíduo por horas e até dias.

[\[45\]](#) O Gene Egoísta de Richard Dawkins.